

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

SILMARA AUGUSTA MACHADO



1290003478



FE

TCC/UNICAMP M18d

2002.0.2096

O DESENHO DA CRIANÇA

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

SILMARA AUGUSTA MACHADO

O DESENHO DA CRIANÇA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a Orientação da Prof^ª Orly Zucatto Mantovani de Assis.

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FEA - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

SILMARA AUGUSTA MACHADO



1290003478



FE

TCC/UNICAMP M18d

2002.0.2096

O DESENHO DA CRIANÇA

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE EDUCAÇÃO

SILMARA AUGUSTA MACHADO

O DESENHO DA CRIANÇA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a Orientação da Prof^a Orly Zucatto Mantovani de Assis.

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FEA - BIBLIOTECA

© by Silmara Augusta Machado, 2007.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	JCC/UNICAMP
	M18d
EX:	
TOMBO:	3478
PROC.:	129/08
C.....	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	01/03/08
Nº CPD:	425676

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M18d Machado, Silmara Augusta
O desenho da criança / Silmara Augusta Machado. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2007.

Orientador : Orly Zucatto Mantovani de Assis.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

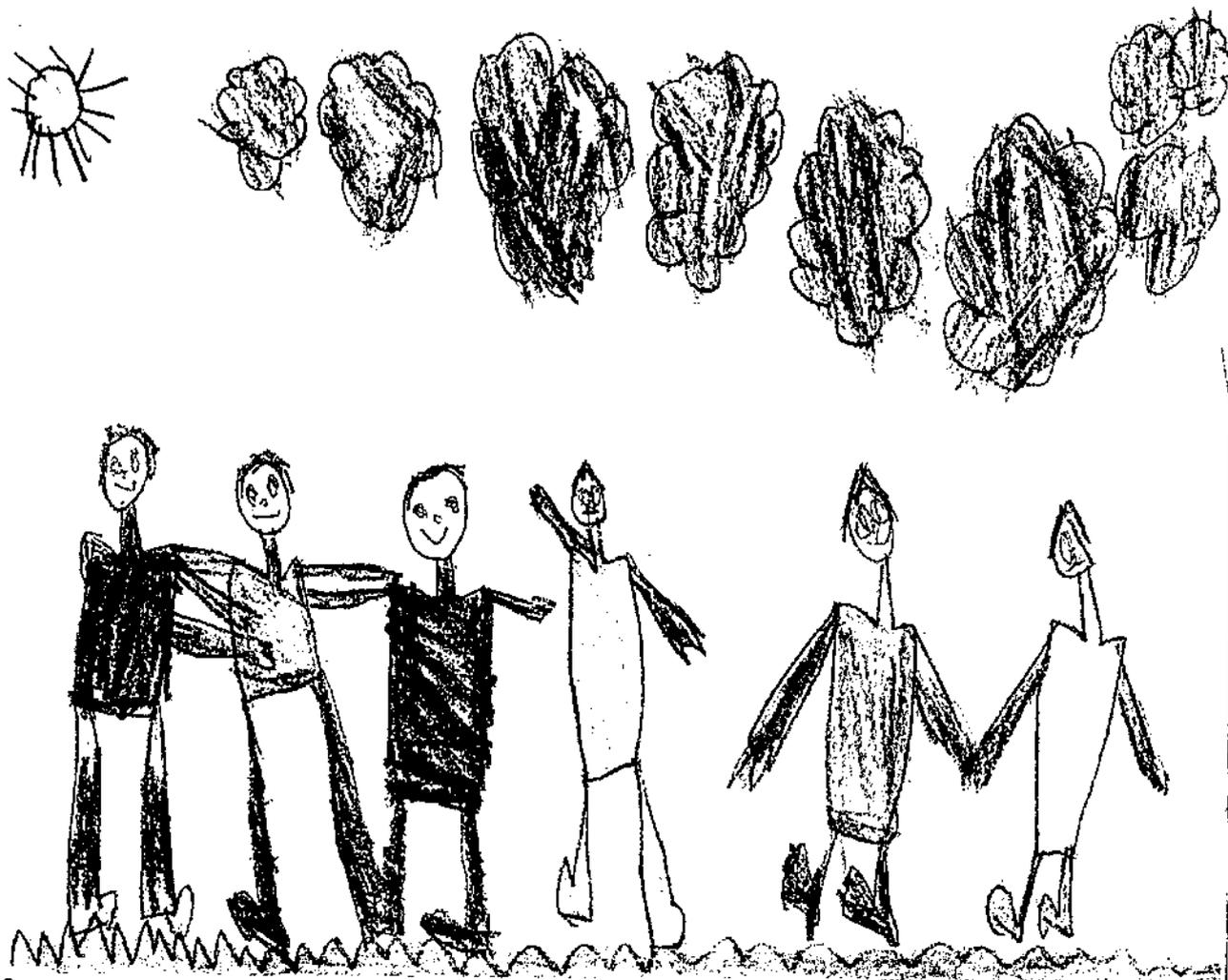
1. Educação infantil. 2. Desenho. 3. Construtivismo (Educação). I. Assis,
Orly Zucatto Mantovani. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

07-688-BFE

COMISSÃO JULGADORA

Profª. Drª. Orly Zucatto Mantovani de Assis

Profª. Drª. Telma Pileggi Vinha



5 anos

*"A arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível".
Leonardo da Vinci*

Dedico aos profissionais de Educação Infantil que buscam cada vez mais um maior conhecimento sobre as crianças de zero a seis anos e visam à melhoria deste trabalho a cada dia.

Agradeço a Deus,

Minha Família,

Amigos,

Colaboradores,

Ricardo e

Luciene.

SUMÁRIO

Lista de tabelas.....	08
Lista de figuras.....	09
Resumo.....	10
Introdução.....	11
1. Contextualização do desenho na história da humanidade.....	15
1.1 O desenho na história.....	16
1.2 O desenho infantil.....	20
1.3 A criança no “mundo do adulto”.....	23
2. O que é o desenho?.....	29
2.1 O desenho como expressão do pensamento.....	30
2.2 O desenho como uma das manifestações da função simbólica	33
2.3 As fases do desenho infantil.....	35
3. A utilização do desenho na educação.....	40
3.1 Os objetivos da escola.....	41
3.1.1 O ensino de artes na escola.....	43
3.2 O desenho no ensino de artes: a estereotipia.....	45
3.3 A necessidade de um olhar construtivista.....	47
3.3.1 O desenho como expressão de criatividade.....	49
4. A Pesquisa.....	51
4.1 O problema.....	54
4.2 Metodologia.....	55
4.3 Pesquisas anteriores.....	56
5. Análise e discussão dos resultados.....	58
6. Algumas considerações.....	71
Referências bibliográficas.....	76
Anexos.....	80

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	61
Idade dos participantes	
TABELA 2.....	62
Formação dos participantes	
TABELA 3.....	62
Cursos de graduação dos participantes	
TABELA 4.....	63
Tempo de atuação no magistério	
TABELA 5.....	64
Respostas quanto à definição do desenho infantil	
TABELA 6.....	66
Utilidade do desenho infantil	
TABELA 7.....	69
Quais os objetivos de se trabalhar com o desenho infantil?	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	18
Caverna de Altamira, Espanha	
FIGURA 2.....	18
Caverna de Lauscaux, França	
FIGURA 3.....	19
A arte rupestre na Idade da Pedra Polida e Lascada	
FIGURA 4.....	64
Como você definiria o desenho infantil?	
FIGURA 5.....	67
Em que momento é utilizado o desenho?	
FIGURA 6.....	69
Quais os objetivos de se trabalhar com o desenho infantil?	

RESUMO

É bastante comum a utilização do desenho das crianças no ambiente educacional, principalmente no cotidiano de creches e de educação infantil. Um fato interessante é que tal uso revela, muitas vezes, posições, visões e concepções sobre o desenho que nos permitem constatar a falta de conhecimentos de alguns profissionais de educação sobre a importância deste ato da criança. A presente investigação realizada com profissionais que atuam com crianças de 0 a 6 anos objetivou conhecer as concepções destes sobre a prática do desenho na educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa de campo em que através de um questionário escrito, 19 professores foram indagados acerca de suas concepções sobre o desenho e a utilização dele em sala de aula. As respostas passaram por uma categorização livre e a partir delas foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa. Os resultados de nossa investigação nos permitiram constatar que a maioria desses profissionais acredita que o desenho seja uma forma de comunicação e expressão livre da criança. No entanto, a utilização do desenho em sala de aula é reduzida a registros de atividades, não possuindo, o desenho infantil, um objetivo em si. As ações desses profissionais nos levam a pensar na necessidade de uma reflexão mais apurada sobre a importância do desenho infantil como uma capacidade de representação da realidade da criança. É relevante um olhar construtivista para que o real sentido do desenho seja reconhecido em todos os contextos em que a criança está inserida, principalmente na educação infantil em que sua utilização é cotidiana.

Palavras – chave: EDUCAÇÃO INFANTIL – DESENHO – CONSTRUTIVISMO: EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

O desenho infantil, tema de interesse pesquisado, representa um amplo assunto no campo da Psicologia, que hoje tem sido bastante questionado e considerado, em termos educacionais, no sentido de apontar o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos. Mesmo tratando-se de um tema de abordagem consideravelmente importante, já vez que envolve uma ação em âmbito educacional, há uma forte carência de pesquisas e informações sobre este assunto no Brasil.

“O DESENHO DA CRIANÇA” nos remete a muitas questões interessantes, já que sua utilização não se restringe à educação formal, mas acontece em diferentes contextos em que a criança está inserida, fazendo parte, portanto, do mundo infantil; e é no ambiente educacional que podemos realçar a sua importância como um registro formal do que essa expressão da criança representa para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

Desenhar é, de fato, uma ação comum a todos os homens, em tempos e espaços diferentes. Os registros pré-históricos de desenhos, como os sinais nas pedras e cavernas, representaram o início de um processo contínuo que retrata a cultura e os hábitos de cada sociedade, além de destacar, em cada uma delas, a necessidade do registro na história e como este foi realizado, utilizando para isso dos materiais e métodos disponíveis a partir da relação do homem com a natureza.

No início, a base para os primeiros registros foram pedras e rochas. Atualmente, graças à popularização do papel, existem materiais de diferentes tipos que são usados para registros e apropriados para o desenho o qual se tornou um recurso para expor e manifestar nossas expressões.

A expressão da criança no desenho reflete a maneira como ela vê o mundo. Muitas vezes, o desenho da criança - já que esta se utiliza dos recursos próprios da idade e do

desenvolvimento - é confundido com uma simples imitação ou cópia do real. Passa-se então, de maneira equivocada, a pensar-se no desenho infantil como uma representação que está inacabada, ou que, segundo os critérios do mundo adulto, registra uma forma pouco desenvolvida.

Todavia, pensar na produção da criança com toda a sua importância e relevância é adotar uma concepção que percebe os pequenos como sujeitos singulares. Ou seja, indivíduos criadores, que possuem uma história e uma cultura que são retratadas em suas manifestações, expressões e relações em que estão envolvidos e não, meramente, como adultos em miniatura ou seres incapazes de produzir a partir da própria criatividade e ação.

No meio de rabiscos, traços, garatujas e formas muitas vezes indefinidas, é preciso considerar que o desenho revela elementos além do que podemos enxergar. Infelizmente, muitas vezes o que vemos, ou achamos que vemos, é registrado como simples expressão da criança aos nossos olhares. Faz-se necessário lembrar que a visão da criança é diferente da visão do adulto, o que não quer dizer que aquela represente um erro, mas sim, uma lógica própria, como afirma Piaget ao tratar da representação do mundo pela criança.

A partir de tais considerações, toda a nossa concepção e vivência sobre os desenhos serão fatores que determinarão o nosso olhar sobre a produção da criança a qual, se interpretada de forma errônea, poderá trazer conseqüências que serão muito marcantes na vida do seu autor.

Parafraseando DI LEO (1991), o desenho é algo particular e é um reflexo daquele que o cria. Assim, o desenho apresenta uma característica única que é a de ser natural e ter a necessidade de um autor para poder existir, tornando-se seus próprios registros. Conseqüentemente, seus traços trazem muito deste autor, às vezes, interpretações que somente ele pode revelar.

Com uma breve experiência de vida, podemos lembrar de algumas ocasiões em que realizamos um desenho - em casa, na escola, na casa da avó... Cada um destes momentos foi único, dentro de uma situação ou interpretação ímpar. Todavia, existem também diversas experiências nas quais quando representávamos algo através do desenho a interpretação nem sempre condizia com a intenção da criação. Ou seja, quantas e quantas vezes nossos desenhos não foram interpretados de maneiras contraditórias ou, até mesmo, foram ignorados na amplitude de informações que possuíam?

O que parece ser fato consumado é o desenho, infelizmente, tender a ser considerado algo que apresenta uma perfeição, ou seja, uma legítima cópia do real, e faz com que muitas vezes, todo o processo criador e espontâneo da criança seja esquecido.

Um grande problema reside no fato de o ambiente educacional utilizar-se do desenho de maneira cada vez menos voltada a proporcionar um desenvolvimento da criatividade dos pequenos. Ao contrário, o desenho é apresentado como algo a ser conquistado de forma definida e esteticamente perfeita. Assim, os desenhos estereotipados ou as práticas de desenhos visam, a maior semelhança possível com o dito "real", e satisfazer um público que procura a reprodução de modelos como princípio ao trabalhar o desenho com as crianças pequenas.

Muitas vezes, o profissional de educação dirige-se para o desenho infantil de acordo com as suas concepções próprias sobre o ato de desenhar, não questionando, para quê, em que sentido e como produzir, sem ter noção da importância desta ação para a criança. Sem falar na questão de o desenho representar uma das primeiras manifestações da escrita humana e ser uma das principais formas de expressão usada pela criança. Infelizmente, hoje este é um quadro que parece estar muito presente em nossas creches, bem como nas instituições de educação infantil.

O modo como a educação foi pautada e traçou a sua história nas sociedades atuais responde às inúmeras questões referentes às formas como são vistas as expressões infantis, sobretudo a arte ao estar presente desde que o homem é homem, como uma linguagem a traduzir sua relação com o meio em que ele vive.

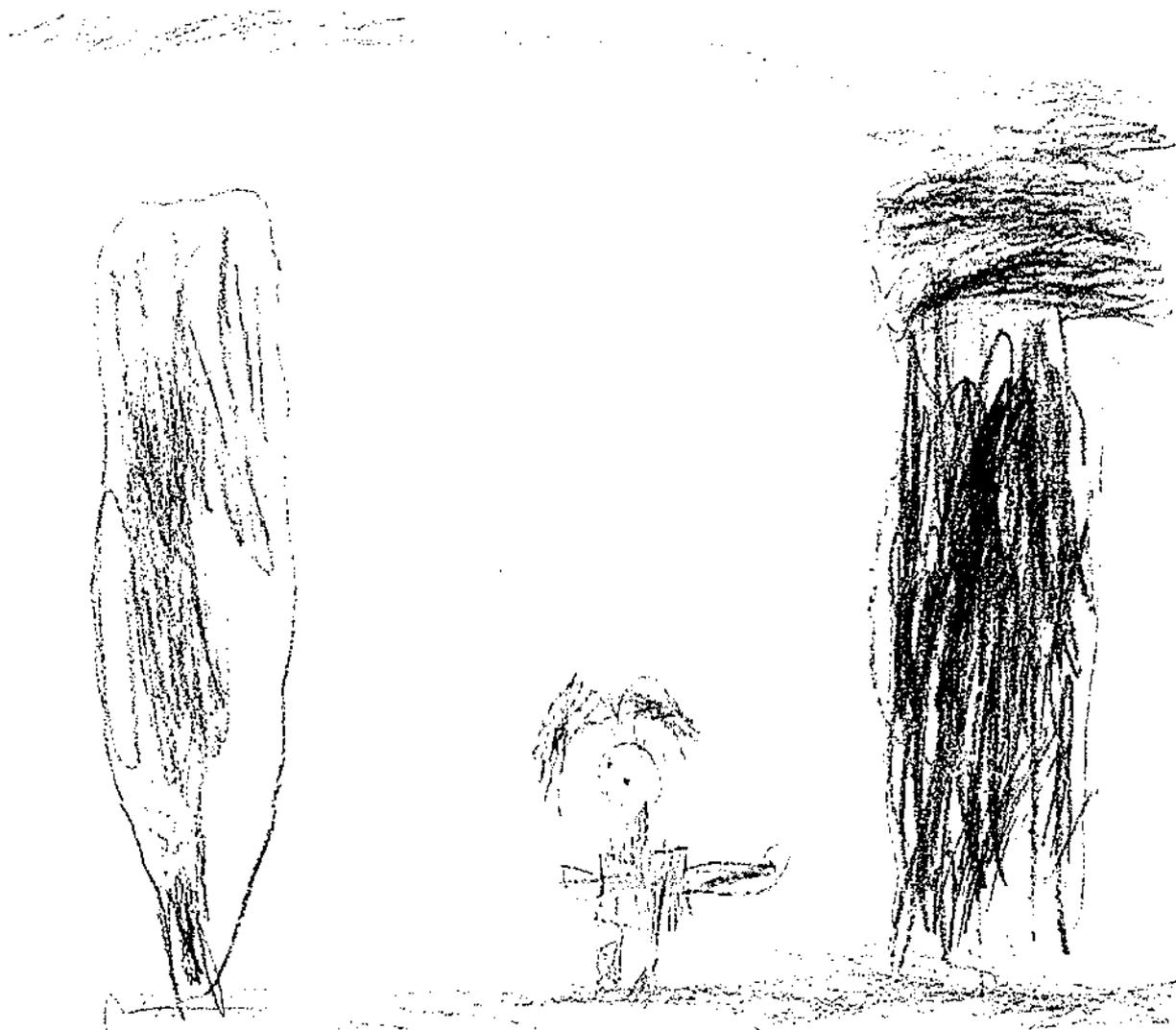
GOBBI E LEITE (1999, p. 28) apontam, “pensar criticamente nestes aspectos nos remete a frisar que lutamos dia-a-dia contra o percurso de hegemonização e padronização social, é importante que tentemos nos desprender de nossos padrões adultocêntricos e que possamos viabilizar mais a circularidade em nossas relações”.

Portanto, pensar no foco desta pesquisa é perceber que se torna primordial, para quem atua na área da Educação Infantil, a compreensão e o conhecimento das fases do desenho infantil e sua relação com a evolução do desenvolvimento humano levando-se em consideração os aspectos apontados anteriormente.

Tais questionamentos sobre o desenhar e o processo desenvolvido pela criança levantam muitas discussões as quais, para muitos, tornam-se enigmas já que estes vêem o desenho como mera “reprodução gráfica”. Esta visão anula, por vezes, a possibilidade de um melhor entendimento e estudo do tema a respeito da importância do desenho infantil, bem como do papel do adulto em possibilitar esta ação e compreender que está diante de um meio de comunicação utilizado pelas crianças como forma de representar desejos, necessidades e muitas outras coisas.

Assim sendo, o tema do desenho infantil não pode ser encarado simplesmente como um material que passa por cima de uma superfície e deixa marcas. Diante disso, o presente estudo teve como meta principal a investigação a partir da prática de profissionais de educação infantil o que estes pensam sobre o desenho no ambiente educacional e como a sua utilização se faz presente.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESENHO INFANTIL NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE



Gui, 4 anos – Creche Santa Genebra

1.1 O desenho na história

“O MENININHO”

Era uma vez um menininho. Ele era bastante pequeno. E era uma grande escola. Mas quando o menininho descobriu que poderia ir à sua sala caminhando através da porta da rua, ele ficou feliz. E a escola não parecia tão grande como antes.

Uma manhã, quando o menininho estava na escola, a professora disse:

- Hoje nós iremos fazer um desenho.

- Que bom! – pensou o menino. Ele gostava de fazer desenhos.

Ele podia fazê-los de todos os tipos: leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos. Ele pegou a sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar. Mas a professora disse:

- Esperem um pouco! Ainda não é hora de começar!

E ela esperou que todos estivessem prontos.

- Agora nós iremos desenhar flores – disse a professora.

- Que bom! – pensou o menino. Ele gostava de desenhar flores e começou a desenhar com lápis rosa, laranja e azul. Mas a professora disse:

- Esperem. Vou mostrar como fazer.

E a flor era vermelha com o caule verde.

- Assim. Agora vocês podem começar. Disse a professora.

Então ele olhou para sua flor. Ele gostava mais da sua flor, mas não podia dizer isso.

Ele virou o papel e desenhou uma flor igual à da professora.

Uma vermelha, com o caule verde.

Num outro dia, quando menininho estava na aula, ao ar livre, a professora disse:

- Hoje iremos fazer alguma coisa com barro.

- Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de barro.

Ele pensou que podia fazer todos os tipos de coisas com o barro: elefantes, camundongos, carros, caminhões. Ele começou a amassar a sua bola de barro. Mas a professora disse:

- Esperem! Não é hora de começar. E ela esperou que todos estivessem prontos.

- Agora, nós iremos fazer um prato. Disse a professora.

- Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de fazer prato de todas as formas e tamanhos.

A professora disse:

- Esperem, vou mostrar como faz. E ela mostrou a todos um prato fundo.

- Assim. Agora vocês podem começar, disse a professora.

O menininho olhou para o seu próprio prato. Ele gostava mais do seu prato do que o da professora, mas não podia dizer isso. Ele amassou o seu barro numa grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo. E muito cedo o menininho aprendeu a esperar e olhar e a fazer as coisas exatamente como a professora. E muito cedo ele não fazia mais as coisas por si próprio.

Então, aconteceu que o menininho e a sua família se mudaram para uma outra casa, em outra cidade, e o menininho tinha que ir para outra escola.

Esta escola era ainda maior que a primeira. E não havia porta da rua para sua sala. Ele tinha de subir grandes degraus até sua sala.

E no primeiro dia, ele estava lá, e a professora disse:

- Hoje, nós vamos fazer um desenho.

- Que bom! Pensou o menininho, e ele esperou que a professora dissesse o que fazer.

Mas a professora não disse nada. Ela apenas andava na sala. Veio até o menino e disse:

- Você não quer desenhar?

- Sim. Mas o que nós vamos desenhar? Perguntou o menino.

- Eu não sei, até que você faça - disse a professora.

- Como eu posso fazê-lo? – perguntou o menino.

- Da maneira que você gostar – disse a professora.

- E de que cor? – perguntou o menininho.

- Se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber quem fez? E qual o desenho de cada um?
- Eu não sei – disse o menino.
E começou a desenhar uma flor vermelha com o caule verde.

(Helen E. Buckley)

Quem é que nunca desenhou uma flor vermelha com o caule verde?

Mesmo que não tenhamos desenhado, pelo menos, já ouvimos falar que para representar uma flor de verdade devemos apresentar traços definidos e determinados com cores específicas, para obtermos uma consideração daquilo que desejamos, ou temos a intenção de representar.

Desenho é a arte de representar formas por meio de linhas ou traços sobre uma superfície, segundo HOLANDA (1977, p. 175). E sendo uma arte, é definida como uma criação humana ao expor suas idéias influenciadas por determinantes da cultura vivida pelo criador.

A arte, portanto, é fruto de um processo sócio-cultural e depende do momento histórico em questão, variando bastante ao longo do tempo, apresentando-se sob variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura entre outras sempre com o seu caráter de comunicação enquanto manifestação humana.

A definição de arte, portanto, é fruto de um processo sócio-cultural e depende do momento histórico em questão, variando bastante ao longo do tempo, apresentando-se sob variadas formas como: as artes plásticas, a música, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura dentre outras. Além disso, pode ser vista ou percebida de diferentes maneiras - visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais) - tendo sempre o caráter de comunicação enquanto manifestação humana.

A historiografia atual indica que a arte tem acompanhado o homem desde a pré-história, por meio de diversas manifestações. O desenho figura dentre elas como um meio criado pelo homem para se expressar.

A pré-história mostra-se como um dos períodos mais fascinantes da história da humanidade, já que apresentou manifestações diferentes do homem em relação àquilo que ele tinha como forma de comunicação. Foi nessa época que o ser humano começou a aprimorar, os grafismos e outros símbolos agregados, o que mostra os primeiros indícios da civilização construída e do aperfeiçoamento da linguagem.

Remetendo-se a história, a etapa mais antiga da evolução do homem é a Idade da Pedra que começou há cerca de dois milhões de anos, o desenvolvimento mental e toda a experiência adquirida, fizeram com que diversos instrumentos e utensílios fossem aperfeiçoados pelos homens primitivos.

Tal período não foi registrado através de documentos escritos, pois a escrita surgiu posteriormente a esse momento. As primeiras expressões de arte eram traços feitos nas paredes das cavernas que logo depois, com aperfeiçoamento de suas técnicas, se tornaram “desenhos” associados à pintura.

Os grupos humanos deste período procuraram registrar seu modo de vida e seus costumes através destes “desenhos”. Assim, como habitavam em cavernas, desenharam e pintaram nas paredes destas, cenas do cotidiano, expressando perspectivas e reproduzindo a natureza do modo como a percebiam.



Cavalos e Mamútes
Pintura Rupestre

**Figura 1- Caverna de ALTAMIRA,
Espanha**



Animais diversos
Pintura Rupestre

**Figura 2- Caverna de LASCAUX,
França**

Neste período, porém, o “desenho”, assim como a arte de uma forma geral, estava inserido em um contexto religioso no qual estes desenhos, como registros, pareciam indicar uma relação com rituais e crenças cuja representação estava associada à criação e à apropriação. Atualmente, a explicação mais aceita é que essa arte era realizada por caçadores e fazia parte de um processo de magia, por meio do qual se procurava interferir na captura de animais, supondo que o homem teria o poder sobre o animal e possuísse a sua imagem, ou seja, acreditava-se possivelmente matar o animal verdadeiro, desde que, este fosse representado ferido mortalmente num “desenho”. (MARTINS & IMBROISI, 2007)



Figura 3 - A arte rupestre na Idade da Pedra Polida e Lascada - pinturas em cavernas

Tal fato demonstra como o “desenho” apresenta, neste momento, embora ainda inclinado a uma visão fantasiosa, uma eficiência como um meio de comunicação, já que expressa graficamente idéias que aos poucos foram sendo modificadas e combinadas com demais símbolos originando assim outros significados.

Desses “desenhos” surge a primeira forma de escrita. Com o aprimoramento dessas formas de representar, comprova-se a passagem da Pré-história para a História propriamente dita a Antiguidade, quando se desenvolvem outras formas de comunicação entre os homens e diferentes manifestações artísticas.

Os conceitos artísticos foram separando-se lentamente da religião, durante a Antiguidade. As culturas desta época, como por exemplo, a egípcia e a grega, deixaram marcas da sua história registradas sob a forma de imagens desenhadas, as quais nos oferecem meios para a compreensão do seu pensamento, bem como de sua história e sabedoria.

Até o Renascimento, porém, não haveria uma preocupação em empreender um estudo sistemático e rigoroso do desenho, enquanto forma de conhecimento, pois este era associado a outras formas de criação artística como a pintura e a arquitetura.

O italiano Cennino Cennini, da escola de Giotto, foi um dos primeiros a salientar a importância do desenho, não só como instrumento, mas também como fundamento e origem das artes. A partir de então, paralelamente à popularização do papel, o desenho foi considerado uma obra de arte e, logo, se converteu em objeto de especulação teórica, ganhando importância, aos poucos, passou a ser valorizado como obra de arte autônoma. Seguindo o espírito humanista, neste período renascentista, a arte tornou-se mais laica em suas temáticas, buscando motivos na mitologia clássica em adição aos temas cristãos. (RODRIGUES, 2005).

Assim como Rodrigues (2005) ressalta, o desenho alcançou absoluta independência nos séculos XVII e XVIII tendo ainda algumas discussões entre o desenhar e o pintar, até que a arte contemporânea rompeu com essas limitações e levou tanto a pintura como o desenho a uma expressão máxima de liberdade formal e conceitual.

1.2 O desenho infantil

Após esta retomada panorâmica da história do desenho, surge a pergunta direcionadora desta pesquisa: E o desenho infantil?

Assim como o desenho de forma geral possui uma história, o desenho infantil também possui e traz consigo aspectos que melhor definem sua trajetória e sua importância no

desenvolvimento do ser humano, a partir do momento em que foi apresentado como parte integrante deste.

A concepção de infância, no decorrer dos tempos, passou por várias transformações ligadas ao momento sócio-histórico e também cultural a que pertencia. Alguns autores como PHILIPPE ARIÈS (1981), realizaram estudos da infância associados às modificações econômicas, políticas e culturais da sociedade. Segundo estas pesquisas, os conceitos e concepções de criança e infância apresentam diferenças em cada época, e foram historicamente construídos mostrando que, por muito tempo, a criança não foi vista como um ser em desenvolvimento com características e necessidades próprias.

Fazendo um breve histórico, na Idade Média, os bebês e as crianças pequenas não tinham existência social, e quando conseguiam chegar aos três ou quatro anos de idade, uma vez que os índices de mortalidade infantil eram altíssimos, resultado de diversos fatores, já eram consideradas “adultas”. Um fato curioso é que imagens de crianças não apareciam em pinturas e esculturas nesta época.

Com tais dados, já podemos imaginar que não havia preocupação alguma quanto à educação ou até mesmo, quanto à importância e a necessidades da criança no que se refere ao ato de desenhar.

Entre as profundas transformações herdadas pelo Renascimento, encontramos o reconhecimento da infância. A partir de desta época, tal categoria ganhou território na história da arte ocidental, transformando-se em motivo de retratos religiosos, leigos e cenas de gênero.

Com as influências de ROUSSEAU (1712), PASTALOZZI (1746) e outros, para os quais, a criança não era mais considerada um adulto em miniatura, algumas visões sofreram mudanças, e as primeiras manifestações de um sentimento novo sobre a infância começaram a se delinear, porém mesmo o surgimento da literatura pedagógica a respeito da importância da educação infantil no final do século XVII e a concepção de infância, ainda não

conseguiram abarcar todas as crianças. Assim, características anteriores a novas concepções ainda permaneceram presentes por um longo tempo nas camadas populares, tendo as crianças importância apenas quando estavam prontas para o trabalho.

Além disso, foi nesse período que a criança passou a ganhar um espaço privilegiado no seio da família a qual se reuniu em torno dela. A criança, por exemplo, nobre ou burguesa não se vestia mais como um adulto. Possuía agora um traje reservado a sua idade que a distinguia dos mais velhos. Estas primeiras práticas refletiam a preocupação com a especificidade das crianças, distinguindo-as do mundo adulto.

Com a industrialização, a família foi se tornando cada vez mais nuclearizada e destituída de suas funções econômicas. O poder do pai se restringe e a criança passa a ser confinada ao espaço doméstico.

Com as transformações sociais e econômicas ocorridas em todo o mundo devido a Revolução Industrial, ocorreram diversas mudanças no âmbito familiar, já que a mulher trabalhando fora, teria que contar com outras formas com relação à situação das crianças a qual antes era de sua responsabilidade. Após a Primeira Guerra Mundial, surgiram as primeiras creches com o objetivo de atender aos filhos das mulheres trabalhadoras.

Este quadro da sociedade ocidental mostra que as concepções e sentimento de infância foram mudando por conta da própria história e somente passaram a existir com a criação de um mundo infantil diverso do mundo dos adultos. Por certo, todas as mudanças ocorridas fazem parte da história, pois o homem constrói e muda o seu ambiente segundo os seus interesses e necessidades.

O desenho infantil fez parte dessas transformações. Ganhou um interesse científico a partir do final do século XIX e no século XX, os estudos com relação a esse tema começou a contribuir a Psicologia Infantil . Atualmente as pesquisas tem grande importância nas áreas da Educação e da Psicologia. (GOMES & CHAKUR)

Muitas reflexões sobre o assunto são abordadas por SYLVIO RABELLO em seu livro *Psicologia do Desenho Infantil*, publicado em 1935, e considerado um marco para o estudo e a pesquisa, tanto do grafismo infantil, quanto da psicologia. No Brasil, foi o primeiro trabalho que contrapôs as teorias sobre o desenvolvimento e as especificidades do desenho infantil com a produção gráfica da criança.

1.3 A criança no “mundo do adulto”.

(...) Certa vez, quando tinha seis anos, vi um livro sobre a Floresta Virgem, uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.

Dizia o livro: “As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão”.

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Responderam-me: ‘Por que é que um chapéu faria medo?’

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos da jibóia abertas ou fechadas. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando (...)

(SAINT-EXUPÉRY, 1994, p.7)

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY (1994), na primeira página do seu livro: *O Pequeno Príncipe* descreve uma situação muito interessante que envolve duas questões fundamentais para o problema abordado por esta pesquisa.

O autor narra a sua percepção da infância em relação ao mundo a partir de dois desenhos, o desenho número 1 e o desenho número 2, trazendo em sua obra todo um contexto explicativo de nossa concepção.

Diante da grafia, podemos afirmar que ambos abordam intenções diferentes. Vejamos que a criança representou em dois desenhos o mesmo evento: uma jibóia digerindo um elefante. Assim, qual seria a finalidade de duas representações?

A primeira com certeza, foi uma representação para a própria criança, que inicialmente, achou que as “pessoas grandes” teriam a mesma visão e entendimento que ela. Já a segunda, parece explicar uma grande falha da primeira. Uma falha que impossibilitou a compreensão do desenho pelos adultos.

A falha ressaltada como possibilidade para a segunda representação desta criança, aponta “as pessoas grandes” como o elemento fundamental para a compreensão do desenho já que elas pensaram que a jibóia que havia engolido um elefante, era na verdade um chapéu.

Para conclusão do segundo desenho, a criança demonstra a necessidade de trazer mais elementos a sua representação para que haja, desta forma, uma compreensão completa por parte dos adultos, já que estes apresentaram dificuldades em entrar no mundo delas e compreender seus devaneios.

Desta maneira, toda a fantasia, a imaginação e a brincadeira, trazidas pelo autor do desenho, não fizeram sentido a alguns adultos que as interpretaram. Muitas vezes, “as pessoas grandes” julgam e manifestam suas visões e concepções para aquilo que não entendem e não

compreendem, influenciando nos atos, decisões e conclusões que a criança terá em todo seu processo de aprendizagem.

De fato, a concepção de SAINT-EXUPÉRY sobre o desenho infantil corresponde àquela adotada por nós a partir da psicologia do desenho: o desenho não é cópia da realidade, mas sim a sua interpretação. Eis, assim, a necessidade do personagem mirim do autor de garantir a exatidão do que tentava explicitar em sua obra.

Desde o nascimento, a criança teve contato com um mundo que conhecia apenas por intermédio de sua mãe, do qual agora faz parte e com o qual interage diretamente. Parte para muitas descobertas, explorações, e tem uma constante relação com muitas “pessoas grandes” que habitam este novo ambiente. A atenção do adulto neste período de intensa descoberta da criança é muito importante. É ele quem acompanha os primeiros passos da criança, seus primeiros gestos e suas primeiras sensações. A partir daí a criança busca compreender noções de lugar, espaço, tamanhos, texturas e adquire conceitos diversos o que só será possível se lhe for proporcionado todo o apoio.

PIAGET (1975) ressalta que para conhecer os objetos que a cercam, a criança deve agir sobre eles, transformando-os até chegar a compreendê-los. Esta apropriação das coisas do mundo resulta, portanto, da própria atividade da criança. Ela se apossa do que abstrai de suas experiências e aumenta seu conhecimento. Os objetos também influenciam as ações da criança, modificando-as, ao mesmo tempo em que têm suas funções originais modificadas por elas.

A criança conhece o mundo através dos adultos e da maneira como eles o vêem, percebem e vivenciam. A forma como isto é conduzido, coloca as “pessoas grandes” como um dos fatores principais de diversos problemas apontados no mundo infantil, em relação ao que a criança apresenta enquanto valores, conhecimentos e atitudes sobre os quais se expressa nesta importante fase da vida que é a infância.

Não podemos desconsiderar que partindo do pressuposto de que a criança está dentro da vida do adulto, ela começa a fazer parte integrante de tudo o que a cerca, tendo contato com idéias, pensamentos e visões de mundo. Isto significa que os modelos que este novo ser está conhecendo, o próprio adulto e a forma como o mundo é “mostrado” a ela, terão muita influência em sua vida futura.

Exigimos muitas vezes, que as crianças sigam modelos e os perpetuem, ignorando de certa forma, desde muito cedo, toda a naturalidade e a espontaneidade que apresentam, colocando-nos como exemplos únicos e esperando que as ações delas sejam iguais as nossas.

NEIL POSTUMAN (1984) em seu livro *“O desaparecimento da infância”* apresenta uma hipótese polêmica sobre o fim da infância, levantando algumas discussões como as aqui enfatizadas. O autor aponta uma invasão ocorrida no século XXI por diferentes instrumentos, aparelhos, informatização, invenções, repercutindo nos modos de vida do homem atual e que também pode ser observada no universo infantil. A argumentação central do livro repousa na idéia de que as tecnologias têm desenhado e redesenhado as faces do mundo e da vida ao longo da história, sendo a infância uma de suas invenções. Além disso, o autor chama a atenção para a necessidade da concepção de infância como uma fase da vida, distinta daquela das pessoas adultas.

A arte da criança também, desde cedo, sofre influência do ambiente e da cultura em que está inserida em todos os âmbitos, tais como: o familiar, o escolar, dentre outros, tanto por intermédio de uma orientação que recebe ou de materiais e suportes com os quais realiza seus trabalhos, quanto através de imagens da televisão, internet, rótulos, obras de arte, vídeos, trabalhos artísticos de outras crianças, e ainda da observação que faz de tudo que está a sua volta.

Infelizmente, há uma “invasão” do mundo da criança pelo adulto, o qual muitas vezes não compreende e não respeita o mundo próprio que os pequenos possuem. Quando tal

invasão acontece, desacredita-se que, de fato, haja uma ação em potencial da criança que pensa, estabelece relações, antecipa conseqüências e que, assim, exprime graficamente aquilo que de fato corresponde a sua interpretação do objeto.

Há a necessidade de se pensar a criança em todos os sentidos, percebendo como ela pensa e concebe o mundo.

Numa perspectiva sociológica, a criança “não é uma miniatura do cosmos adulto, ao contrário, é um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo e é capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar, todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando”.(BOLLE,1984, p. 13-16).

Empregamos neste trabalho, cujo foco principal é o desenho infantil, um olhar apoiado nas concepções que temos sobre o desenho, nas idéias constituídas em nossa própria história, nos conhecimentos sobre as possibilidades do grafismo infantil, nas noções adquiridas durante a nossa formação e ao longo de nossa experiência profissional.

Todos estes aspectos fazem com que formemos uma grande expectativa com relação à produção infantil, definindo de uma forma ou de outra, a relação que irá ser estabelecida com a criança ao se tratar de seus desenhos.

O desenho para a criança é uma atividade muito prazerosa e para LUQUET (1979), o desenho infantil é acima de tudo um jogo, o autor afirma que este se realiza dentro daquilo que é idealizado ou no que a criança conhece.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento é construído, segundo PIAGET (1976), pela ação do sujeito em sua interação com o objeto percebemos que o homem em toda a sua história realizou esta ação. A criança, conseqüentemente, faz o mesmo e como o objeto é percebido pelo sujeito, as estruturas mentais apresentadas nos diferentes momentos da vida, serão de imensa importância para falarmos sobre a produção infantil e de como este ponto é fundamental para a compreensão, por parte das “pessoas grandes”, para que se inicie um

exercício de respeito e entendimento sobre as representações existentes no mundo infantil em todos os âmbitos.

Parafrazeando LUQUET (1979, p. 237), a espontaneidade da criança não pode ser atingida e destaca que o ensino tem que se apoiar nela e buscar a satisfação. Com esta perspectiva, reconhecemos de suma importância o conhecimento sobre o desenho infantil e seu desenvolvimento dentro da prática pedagógica. Nosso objetivo não é procurar formas de melhorar ou acelerar a evolução da criança em suas representações, mas sim de partir com novos olhares para este “mundo da criança”, e abrir novas possibilidades que favoreçam o conhecimento desta, independente do tipo de representação utilizada por ela.

2. O QUE É O DESENHO?



Alex, 5 anos – Creche Santa Genebra

2.1 O desenho como expressão do pensamento.

"Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças".

(PABLO PICASSO)

Considerado por muitos como um dos maiores artistas do século XX, Picasso viveu 91 anos, nos quais produziu diversas obras entre pinturas, desenhos, esculturas e colagens. No auge de sua carreira, a frase destacada acima pronuncia o profundo sentimento sobre a arte e a importância desta na vida infantil relatada pelo artista.

Podemos considerar que existe um fenômeno comum a todas as culturas, desde as civilizações mais primitivas que se concretizaram na história da humanidade, a arte demonstra, já na pré-história, a necessidade e a capacidade do homem de criar formas para se comunicar a partir daquilo que ele conhece e constrói.

O meio desempenha um papel fundamental para que tal construção seja feita da melhor forma, havendo, aí, uma interação do homem com o meio que segundo PIAGET (1976) é essencial para que ocorram as assimilações e acomodações na construção das estruturas cognitivas, isto é, no desenvolvimento intelectual. Assim, ao apresentar graficamente imagens mentais daquilo que era visto, o homem das cavernas representou, e criou sons, símbolos, além de se comunicar, mostrando que na medida em que evoluiu, foi se ajustando à realidade e se superando de modo cada vez mais eficaz, tendo a arte, incluindo o desenho, como recurso neste seu processo de crescimento e registro do mundo.

Com este enfoque, a arte constitui um processo no qual a criança reúne diversos elementos de sua experiência para se expressar, utilizando para isso de uma das suas primeiras, o desenho. Ela não nasce sabendo desenhar, mas vai construindo seu conhecimento acerca do desenho através da sua atividade com este objeto de conhecimento. A criança, portanto, é um sujeito deste processo construindo hipóteses, produzindo e interpretando a

realidade. Ou seja, o desenho da criança, assim como aborda Fortuny (1995) está em um processo contínuo de aprendizagem e é uma construção individual. Ressalta que o desenho passa por diferentes evoluções para aquisição.

Inúmeras reflexões emergem a respeito deste tema tão complexo que é o desenho infantil. Uma delas é que neste processo, tudo vai se ajustando. A criança se ajusta ao meio e tal manifestação vai aos poucos, passando por diversos estágios. Segundo uma análise piagetiana, cada estágio é definido por diferentes formas do pensamento e a criança passa por cada um deles seguindo uma seqüência:

- Estágio sensório-motor (de 0 a 2 anos).

A criança aprende pela experiência, examinando e experimentando com os objetos ao seu alcance, somando conhecimentos. Ou seja, trata-se de uma fase exploratória.

- Estágio pré-operatório (de 2 a 7 anos).

Os objetos ganham a representação por palavras, as quais o indivíduo, ainda criança, explora experimentalmente em sua mente assim como fez no estágio anterior experimentando objetos concretos. Existe aqui uma capacidade simbólica.

- Estágio das operações concretas (de 7 a 12 anos).

Possuindo uma melhor organização de sua mente, a criança apresenta as primeiras operações lógicas e é capaz de classificar objetos conforme suas semelhanças ou diferenças. É neste estágio que se reorganiza verdadeiramente o pensamento.

- Estágio das operações formais (dos 12 anos em diante).

Neste estágio, há um raciocínio concreto. A transição para o estágio das operações formais pode ser observada por causa das diferentes características que surgem do

pensamento. Aqui, a criança realiza raciocínios abstratos, não recorrendo ao contato com a realidade. A criança deixa o domínio do concreto para passar às representações abstratas. (MANTOVANI DE ASSIS, 2002, p. 50-56)

Entendendo a criança neste processo, entendemos a importância da estimulação, ou seja, a criança deve explorar e vivenciar diferentes experiências para um melhor desenvolvimento, sendo respeitado, assim, o seu próprio tempo para interiorizar nos estágios que apresenta e assim passar para o seguinte.

Especificamente sobre o desenho, a análise piagetiana apresenta algumas fases de acordo com o desenvolvimento apresentado pela criança, expressando em cada uma, o seu pensamento sobre o mesmo, tendo como base as observações das fases da inteligência citadas anteriormente.

- 1- GARATUJAS: 0 a 2 anos dentro do período sensório-motor e início do pré-operacional. Fase dos rabiscos iniciando de forma desordenada e aos poucos adquirindo uma forma mais ordenada;
- 2- PRÉ-ESQUEMATISMO: Descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Dentro da fase pré-operatória, a criança já apresenta as primeiras relações espaciais e as cores utilizadas ainda não têm relação com o real necessariamente;
- 3- ESQUEMATISMO: Dentro da fase das operações concretas (7 a 10 anos), os desenhos apresentam esquemas representativos, tendo o espaço um conceito já definido. Há possibilidades da relação das cores utilizadas com a realidade representada.
- 4- REALISMO: Este período é incluso na fase final das operações concretas. Apresentam-se formas definidas e aparecimento da representação do real

por parte da criança. A cor tem um enfoque emocional dependendo deste aspecto para sua utilização.

- 5- PSEUDO-NATURALISMO: a partir dos 10 anos, na fase das operações abstratas, a arte não é mais algo espontâneo havendo predominância de duas tendências, visual (objetividade) ou háptico (subjatividade). Experiências emocionais se fazem presentes na representação.

BORDONI (2000)

Segundo Derdyk (1989 p. 19) “ o ato de desenhar impulsiona outras manifestações que acontecem juntas, numa atividade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário”.

Contudo, o desenho constitui a expressão da visão de mundo que cada criança possui, pois através do desenho ela desenvolve potencialidades manifestando suas reflexões acerca desta visão.

2.2 O desenho como uma das manifestações da função simbólica.

O desenho para PIAGET (1976) é uma representação que supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção, sendo muito mais complexa que a imagem interiorizada do objeto.

ASSIS (2002) descreve essa interiorização, abordando que a capacidade de conhecer as coisas que estão presentes vai sendo aos poucos substituída pela capacidade de representar o que é conhecido. Neste momento a criança está no período pré-operatório e apresenta um significado sobre aquilo que representa e a essa capacidade dá-se o nome de “função semiótica” ou “função simbólica”.

A criança reconhece e identifica qualidades e funções no mundo visual (imagens), muito antes de saber representá-las graficamente. A imagem do mundo é criada a partir do

desenvolvimento de formas simbólicas e é produto da conversão do conteúdo perceptivo da realidade e do próprio compreender da realidade de forma simbólica.

A função simbólica substitui os objetos por símbolos, signos, palavras e representações em suas ausências e assim, em se tratando das crianças, os símbolos representam o mundo a partir das relações que estas estabelecem consigo mesmas, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura.

Seguindo as reflexões de PIAGET (1954), a expressão da criança com a arte é espontânea, pois tenta conciliar o jogo simbólico com o real. Para ele, o jogo simbólico é muito importante, pois a criança está organizando e conhecendo o mundo, predominando nesta fase a assimilação do mesmo. Porém, para a criança atingir este estágio de assimilação, ela passa por outros, como vimos anteriormente.

Em seu texto, incluído no livro do qual foi um dos organizadores “Fundamentos Teóricos da Educação Infantil”, Mantovani de Assis explica que:

“... embora não exista representação, há contudo, desde do início do período sensório-motor a constituição e utilização de significações. Isso porque toda atividade assimilativa sensório-motora permite à criança atribuir significações.”.(2002, p. 124)

Até chegar a este estágio, quando a criança ganha a função simbólica, ela apresenta inúmeros comportamentos de imitação envolvendo o domínio da acomodação pelos modelos que rodeiam o meio. Para PIAGET (1975), a imitação, como os demais processos cognitivos, não é inata e sofre um processo de transformação a partir da ação do sujeito sobre os objetos. Descreve desta forma, seis fases no desenvolvimento inicial de imitação que vai do 0 a 2 anos: exercícios ou reflexos; imitação esporádica; imitação sistemática de sons e movimentos visíveis; imitação de movimentos já executados pelo sujeito; imitação sistemática de modelos novos; início da imitação representativa. Após esta última fase, a imitação vai se ampliando. Contudo, para o estudioso, é pela evolução da imitação e do jogo (assimilação e acomodação) que a representação é construída.

O jogo simbólico se constitui paralelamente à imitação como descreve MANTOVANI DE ASSIS (2003). Nele, a criança assimila o real aos seus próprios interesses expressando-se por meio de símbolos. Ou seja, há aqui um predomínio da assimilação dos modelos que rodeiam o mundo da criança. PIAGET (1975) distingue quatro categorias de jogos: de exercício; jogo simbólico; jogo de regras e jogos de construção; tendo cada uma dessas categorias sua manifestação de acordo com cada período apresentado pela criança em seu desenvolvimento.

Por certo, o pensamento representativo é constituído de um sistema de acomodações e assimilações. O desenho, portanto, “ é uma forma da função simbólica que representa um esforço de imitação do real”., segundo MANTOVANI DE ASSIS (2002, p. 147).

2.3 As fases do desenho infantil

Na história do desenho infantil, LUQUET aparece como um dos primeiros estudiosos a se interessar pelo desenho da criança, do ponto de sua evolução cognitiva, procurando compreender o quê, e como a criança desenha, enfocando o sujeito da ação, as intenções e as interpretações que a criança dá às suas produções. Em seu livro, “O Desenho Infantil” comenta que o desenho infantil é um jogo, no qual não há um companheiro. Diz respeito a algo “eu e eu”, que pode acontecer em qualquer momento, sendo espontâneo e, é evidentemente um interesse. Ao desenhars existe uma intenção que segundo ele, é a manifestação da representação mental da criança.

O desenho recebe de seu autor uma interpretação que é diferente da intenção. A primeira, segundo LUQUET (1969), muitas vezes se associa a algo que já é conhecido, a segunda refere-se a um prolongamento de uma idéia como na história de Saint-Exupéry. Aquele estudioso apresenta a diferenciação destes dois pontos existentes no ato de desenhar

apontando fatores que influenciam neste processo, como é o caso das habilidades gráficas e o conhecimento acerca do desenho. Quando a criança interpreta o desenho que faz, sua interpretação é pessoal e geralmente é diferente da intenção inicial de quando começou a fazer o desenho.

LUQUET pressupõe que o desenho infantil muda de característica, e o vê em diferentes fases: o realismo fortuito, o realismo gorado, o realismo intelectual e, por fim, o realismo visual, afirmando que o desenho infantil, no que toca o realismo, se realiza dentro daquilo que é idealizado ou no que a criança sabe.

Antes de falarmos desse realismo, é relevante considerarmos a fase anterior a este estágio, já que tais níveis analisam características do desenho a partir dos dois anos de idade. Esta é a fase das famosas garatujas que não possuem um componente imitativo e se parecem muito com um jogo de exercício, aparecendo por volta de dois anos de idade, devido ao fato de a criança já apresentar capacidade de manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos.

O desenvolvimento progressivo do desenho implica em mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais estruturadas aparecendo assim, pelos primeiros símbolos a partir das interações da criança com o meio artístico, o ato de desenhar. Na garatuja, a criança enfatiza que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, demonstrando prazer ao visualizar sua produção. Com o tempo, as garatujas vão se transformando em formas definidas que apresentam maior ordenação, e que podem apresentar uma referência a algo, tendo uma intenção mais específica. Na garatuja, acontece uma evolução para o desenho de formas mais estruturadas nas quais a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico.

Em uma análise piagetiana, a garatuja pode ser dividida em duas etapas: desordenada e ordenada. As duas etapas fazem parte da fase sensório-motora (de 0 a 2 anos) e

do início da pré-operatória (de 2 a 7 anos). A primeira, como o nome mesmo diz, apresenta movimentos amplos e desordenados, tendo a imitação como principal forma de expressão sem uma representação exata. Já na segunda, temos movimentos longitudinais e circulares, havendo uma ligação da parte motora e visual da criança, que apresenta interesse pelas formas que aparecem na exploração do traçado.

Ao se referir aos estudos apontados por Luquet, é válido ressaltar que PIAGET (1975) também utiliza este autor para explicar as fases do desenho infantil abordando que o desenho até 8 e 9 anos é essencialmente realista em sua intenção.

MANTOVANI DE ASSIS (2002) descreve o realismo da criança por suas diferentes fases vistas por estes dois autores citados anteriormente:

1- REALISMO FORTUITO (de 2 a 3 anos e meio)

É a fase em que o rabisco começa a ter um significado.

2- REALISMO GORADO – INCAPACIDADE SINTÉTICA (de 3 anos e meio a 4 anos e meio)

Nesta fase, a criança percebe que seu desenho não é somente um traço que significa alguma coisa. Tem a intenção de ser realista, porém não chega a ser. É um real falhado. A criança não tem total domínio motor para fazer o que quer, ou seja o que é o real. Neste momento, sua imaginação é clara, mas a grafia não.

3- REALISMO INTELECTUAL (de 4 anos e meio a 8 anos)

Aqui, é superada a incapacidade sintética. O desenho pode chegar a ser realista, não só reproduzir no desenho elementos concretos, mas também invisíveis abstratos que só existem para quem desenha.

4- REALISMO VISUAL

No desenho realista, seus elementos têm por finalidade dar ao objeto a mais fiel e mais completa representação. Se tratando do realismo visual iniciado por volta dos 8 ou 9 anos, o desenho já não representa apenas o que não é visível e também leva em consideração o conjunto. Podemos dizer que se trata de uma versão do realismo da maioria dos adultos que, por diversas vezes, direciona este aspecto ao analisar o desenho da criança ignorando de uma forma geral, todas as etapas anteriormente descritas.

Refletindo sobre as fases do desenho infantil apresentadas, podemos discutir o quanto essa forma de expressão é importante e compreender que suas representações acompanham um nível do seu desenvolvimento.

Ao se falar de desenvolvimento da criança, não podemos esquecer de destacar que o desenho, em cada fase, assume um caráter específico. Ou seja, o desenho infantil sofre algumas influências externas, podendo dizer que parte de algo que já existe o real.

LUQUET (1979) dedica um capítulo inteiro no seu livro “O Desenho Infantil” para explicar como a criança começa a desenhar afirmando que tudo se inicia por um modelo. Isso quer dizer que, mesmo sabendo de toda a história do desenho pela necessidade de manifestação e expressão do homem desde o princípio, ocorre a existência de uma realidade psíquica para representar através do desenho algum objeto, sendo chamado de modelo interno. Assim, o modelo interno apresenta uma permanência de uma representação, de um “tipo” como define Luquet, após observar em diversos desenhos o mesmo modo de representar chegando também a abranger em seus estudos e reflexões a questão da cópia como um ponto construtivo com relação a este assunto, algo que por hora é alvo de contravérsias destacando-se na maioria das vezes negativamente em termos de aprendizado e desenvolvimento da criança.

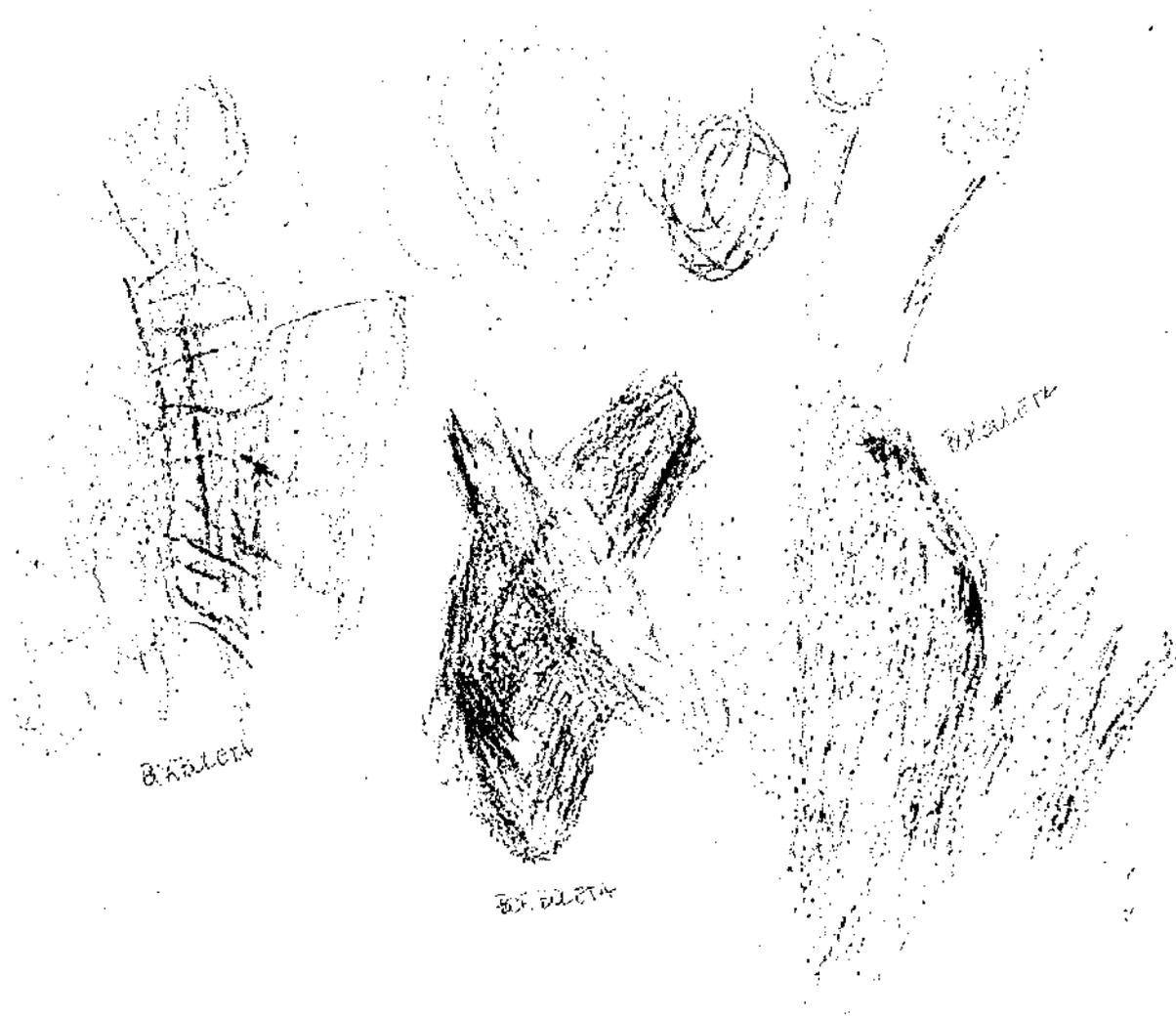
Não queremos neste ponto, levantar uma discussão mais específica da cópia, porém iniciamos este trabalho com uma proposta de investigação sobre o desenho e consequentemente, a cópia é incluída nessa problemática, já que faz parte do contexto que engloba o foco desta pesquisa, tendo sim suas visões e perspectivas que serão discutidas posteriormente.

Portanto, por meio do desenho, podemos observar que a criança apresenta uma criação e uma recriação individual de suas formas expressivas, tendo a junção de uma percepção do mundo e de sua imaginação. FORTUNY (1995) aborda o conhecimento da realidade para a criança como: "... conhecer a realidade das coisas é ao mesmo tempo sonhá-las e manipulá-las em uma relação ativa entre o mundo e a imaginação...".

Como um estudo aprofundado se torna interessante em todo seu contexto, principalmente quando há uma relação com algo que vivenciamos como prática. Ou seja, ao se tratar de algo do mundo infantil, nós, enquanto profissionais de educação, nos vemos muitas vezes em tais discussões. Não só buscando respostas aos nossos questionamentos, mas também sendo um produto de investigação que procure melhorias para o próprio trabalho, gostaríamos de abordar as discussões de FORTUNY sobre a imaginação. Com certeza recordamos de fatos do nosso cotidiano escolar ou mais precisamente de nossa infância. Quantas vezes a nossa criatividade e imaginação foram podadas por fatores maiores e por conta disso deixamos de lado tais princípios para uma real produção artística? Quem nunca desejou desenhar algo e foi "barrado" por outra pessoa?

Abriremos, portanto, uma questão que abrange toda a nossa discussão sobre o desenho infantil, sendo visto mais especificamente em um âmbito escolar, lembrando inicialmente a imaginação, como suposição de compreender a realidade em função das estruturas cognitivas do sujeito que descobre o imaginar, conceito apontado por FORTUNY (1995).

3. A UTILIZAÇÃO DO DESENHO NA EDUCAÇÃO



Vic, 3 anos – Creche Santa Genebra

A representação do mundo pela criança, através do desenho, é o reflexo do progresso de seu pensamento. Ela não acontece de uma hora para outra. Como descreve Piaget, há inteligência na criança desde os primeiros esquemas coordenados com a intenção de produzir uma ação. No período sensório-motor, quando a inteligência da criança é ainda prática, já podemos enxergar alguns indícios de que sua capacidade de representação começa

a se formar: por exemplo, quando a criança espera pela chegada do pai ao ouvir o barulho do automóvel. Mas, segundo PIAGET (1968), é no período seguinte ao sensório-motor que essa capacidade de representação vai tornar-se notória e segundo MANTOVANI DE ASSIS (1999) o que já é conhecido vai sendo substituído pela representação.

Em concordância ao que a autora afirma, reconhecemos que o desenho da criança mostra, portanto, que o conhecimento do mundo é construído por ela a partir de sua interação com o meio.

Ao se falar em construção de conhecimento, podemos nos remeter ao espaço propício para que esta construção ocorra da melhor forma, principalmente ao se tratar de crianças. Iniciamos aqui, uma discussão sobre os ambientes freqüentados pelos pequenos ressaltando o âmbito escolar, já que este faz parte da vida da criança muito cedo. Não queremos ampliar o foco desta pesquisa em abordar toda a história da educação, envolvendo as crianças, mas criar uma boa base para entender a atual situação e relacioná-la com os principais objetivos pautados na proposta do presente trabalho no que diz respeito ao desenho infantil.

3.1 Os objetivos da escola

A escola, desde seu surgimento, foi destinada a atender o objetivo de “promover a instrução”. Ou seja, no processo de formação do homem, a escola surgiu como um espaço em que a instrução para o mesmo seria abordada, e tendo uma melhor estruturação, o Homem foi construindo sua história ligada inteiramente com a evolução das sociedades e suas respectivas necessidades.

“Em cada época, a instrução é, e sempre foi um fato político”, afirma Manacorda (1996). Com esta afirmação, aponta a autora que a escola se volta aos interesses da sociedade vigente de cada época já que foi pensada por ela mesma. Ao se tratar de Educação Infantil a

problemática se estende um pouco mais, pois a existência da mesma só acompanhou a idéia de infância que foi aprimorada com o passar do tempo.

Remeter-se ao breve histórico da educação infantil baseado nas pesquisas de ARIÉS (1981), propriamente sobre a infância, citada no primeiro capítulo deste trabalho, é perceber que em cada contexto a educação visa às perspectivas sociais e aborda as concepções de infâncias nas diferentes situações, além de revelar que a educação infantil foi produto da cidade e da burguesia já que, antes disso, o status da criança era nulo.

Portanto, entender a criança como um ser diferente do adulto é pensar em todo o processo do homem em sua história, perceber as transformações ocorridas e afirmar que a valorização e o sentimento atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como hoje são apresentados. Estas foram modificadas a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social, o que demonstra, portanto, que a família e a escola nem sempre existiram da mesma forma.

Em todo este processo de transformação, a educação aparece como personagem principal dentro das sociedades, servindo de alicerce para que sejam concretizados fundamentos, valores e visões de mundo. A evolução da cultura humana levou o homem a transmitir conhecimento, criando situações sociais de ensinar-aprender. No entanto, a partir do caminho traçado pela escola apontado anteriormente, percebemos um aspecto muito relevante nesta discussão que é a escola no papel de reprodutora das concepções da sociedade. Ou seja, “o homem, historicamente, desenvolve a educação por meio da aprendizagem mútua”. Na Antigüidade, isto acontecia através da transferência de pais para filhos. Na idade média passou-se a enxergar a educação de forma diferenciada, sendo que as classes “abastadas” pagavam mestres particulares para suas crianças. Foi somente no século XVIII, que nasceram as primeiras escolas públicas. Em meio a este processo histórico, a escola sempre foi tida como instrumento das classes dominantes para manutenção de sua hegemonia.

Os conteúdos abordados nas instituições de ensino conseqüentemente atendiam também à necessidade do contexto. Temos diversos exemplos disso nos livros didáticos mais antigos, os quais apresentam histórias contadas da forma que, dependendo do contexto histórico, teriam que ser abordadas devido a aspectos influentes determinantes.

3.1.1 O ensino de artes na escola.

Ao se tratar dos conteúdos referentes às artes e para compreendê-los no espaço da educação infantil, é preciso situá-los em um panorama histórico.

Na verdade, a história da humanidade se torna uma verdadeira história da arte na qual aparece pelo o que o próprio homem buscava: a expressão. Essa forma de se expressão, de fazer arte, também sofreu mudanças em todo percurso da história e foi no período aristocrático que a arte se desenvolveu e se relacionou com o que diz respeito à educação.

Com a Revolução Industrial, a escola se viu forçada a franquear o ensino também para as classes menos favorecidas, pois o desenvolvimento da produção industrial exigia um maior conhecimento por parte dos trabalhadores. No início do século XX, adotou-se uma postura educacional de produção, e é neste momento que acontece uma separação dos aspectos relacionados à razão e aos sentimentos, tornando-se as expressões bem limitadas.

Tal visão de educação é considerada como uma forma transmissível dos aspectos das classes dominantes e torna-se uma instituição apenas de propagação de conhecimentos científicos ao deixar de lado a emoção e o sentimento natural do homem.

No Brasil, o ensino de Arte para as crianças, a partir da década de 1960, passou por uma abertura metodológica com investimento na livre expressão, contraponto ao tecnicismo de décadas anteriores da pedagogia tradicional. DUARTE (1988) afirma uma fragmentação no estudo das artes nas escolas brasileiras ressaltando um comprometimento

com a valorização e responsabilidade dessa área de conhecimento tão importante para o desenvolvimento da criatividade na criança.

As décadas de 80 e 90 apresentam vários elementos para a compreensão do ensino de artes segundo PILLOTO (2000) em seu artigo *Proposta para a arte na Educação Infantil*, destaca os Cadernos de Atendimento ao pré-escolar criado pelo MEC que formavam os referenciais para o estudo e é enfatizado, o descaso com o conhecimento nesta área. De acordo com PILLOTTO (2000), pode-se observar que o caderno de artes, proposto pelo MEC, voltava-se muito a uma educação tecnicista.

Com as transformações nos currículos escolares e as pesquisas abrangentes na área da educação, a arte começou a ter um maior espaço e importância reflexiva, na década de 90, o MEC oferece o Caderno do Professor da Pré-Escola e a arte começa a incorporar um caráter reflexivo e busca cada vez mais abranger no ensino suas características próprias, sendo uma linguagem, uma maneira de expressão.

De acordo com o REFERENCIAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL (1998, p. 52), o trabalho com as Artes Visuais na educação infantil “requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios a cada faixa etária e nível de desenvolvimento”.

Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhados de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças e respeitando aquilo que é produzido por elas.

Mas, como esperar ou até mesmo favorecer um desenvolvimento por parte do público infantil apresentando um quadro de visão estereotipada do desenho?

3.2 O desenho no ensino de artes: a estereotipia.

O desenho é considerado uma das formas do homem se expressar. A criança ao se ver nos dias atuais perante suas expressões e considerações sobre o mundo, se depara com um olhar adultocêntrico que impõe a seu desenho uma prisão à cópia do real. Assim, os desenhos estereotipados ganham um peso enorme e estão muito presentes na educação infantil, muitas vezes sendo considerados como “símbolos quase universais”.

Isto acontece, pois para os adultos, e na maioria das vezes para o profissional de educação também, o desenho tem que ser idêntico ao objeto. Isto, porém não é o que acontece para a criança pequena cuja compreensão de mundo para sua lógica egocêntrica e, diga-se de passagem, completamente normal, para se parecer com o objeto, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo invisíveis para os outros. Assim, a criança desenha de acordo com um modelo interno: a imagem que sabe do objeto que vê, segundo LUQUET (1979).

Sem levar em consideração este pensamento de LUQUET, muitos professores, acreditando na necessidade de que a criança tenha um modelo, se utilizam de desenhos prontos, já impressos e acabados. Por certo, a estereotipia entre os homens favoreceu à sociedade como um benefício. Na China, um tipógrafo chamado Pi Ching inventou um processo de impressão no ano de 1.040. Algum tempo depois, esta prática veio a ser denominada estereotipia. Antes disso, o que chamamos de impressão se dava da composição manual de cada página o representava um meio muito trabalhoso, além de consumir um tempo considerável. O que o chinês inventou foi, simplesmente, uma forma de conservar as páginas impressas com o uso de uma cera derretida que fundia a página obtendo diversas cópias.

Certamente, o desenho denominado estereotipado apresenta alguma semelhança com esta invenção que foi uma conquista e uma renovação daquilo que se pensa em tecnologia: é cópia de um modelo.

O fato é que, se levarmos em conta o desenvolvimento da criança, o ato de lhe entregar um desenho acabado, pronto, não a beneficia para que seu conhecimento de mundo seja construído, levando em conta o seu papel criador. Materiais mimeografados, desenhos prontos para as crianças apenas colorirem, utilização de matrizes para reprodução de desenhos e formas são práticas que impedem a construção por parte da criança, pois a produção já está pronta, e a criança simplesmente a completará.

Além disso, há as práticas educacionais que além de utilizarem a forma estereotipada, exigem do desenho infantil toda sua perfeição e características das produções adultas adotadas como perfil, assumindo assim posturas avaliativas sobre elas. Aprendendo a gostar do estereótipo, as crianças começam a exigir de si mesmas, cada vez mais, esta visão direcionada pelo adulto, inibindo suas capacidades próprias, não encontrando estímulos para criações individuais e vendo-se no papel de seguir concretamente o que lhe é imposto perante as definições abordadas do desenho.

Como afirma VIANNA (1994):

“os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva, embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades. Estereotipar quer dizer simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples”. (VIANNA, 1995, P. 55-60)

Com este quadro comum na Educação Infantil, pensamos na grande necessidade dos profissionais compreenderem o que as crianças perdem com esse tipo de prática, e como há possibilidades de se iniciar uma mudança sobre o olhar para com o desenho e as produções infantis deixando a imaginação e a criação direcionarem o fazer artístico da criança.

Sabemos que este é um longo processo pelo quais os educadores precisarão passar para enxergar no desenho infantil mais do que a cópia de um modelo, conforme ressalta FORTUNY (1995), a criança é conduzida pelo processo entre a fantasia e a criação para criar.

3.3 A necessidade de um olhar construtivista.

Apresentamos anteriormente um breve histórico da educação, no qual percebemos que é evidente que em cada contexto, a forma de ensino e o olhar do profissional que trabalha nesta área, teve seus princípios e referências a serem seguidos em busca da tão almejada “educação”.

Com o desenho, ocorreu o mesmo. Em cada época e em cada sociedade ele foi visto, aceito e interpretado de um jeito, e a conquista do seu espaço é um caminho traçado a cada momento, dependendo muito do receptor. Ou seja, quando nos referimos ao ambiente educacional, consideramos que para haver um olhar que contemple o desenvolvimento integral do educando é imperativo, ao educador, uma mudança de concepções sobre o desenho infantil.

Partimos do pressuposto de que é grande a responsabilidade do profissional de educação na construção de um ambiente que seja favorável ao desenvolvimento do desenho infantil. Ambiente no sentido amplo que vai desde material e espaço até uma situação sócio-moral que permita o desenvolvimento de um ser humano criador, interessado e autônomo para respeitar suas próprias construções e assim respeitar os outros. Para isso, o conhecimento e o entendimento sobre o assunto são importantíssimos, pois é através deles que se pode ampliar na criança a visão artística e criativa, o que ressaltará também em outros aspectos que a representação traz de seu autor ao apresentar o seu potencial criativo. Compreender o desenho requer uma postura do profissional muito mais ampla do que “respeitar” este momento próprio infantil. MACEDO (1990) conclui este pensamento quando escreve:

“O professor construtivista deve saber muito a matéria que ensina. Trata-se de saber bem para discutir com a criança, para localizar na história da ciência o ponto correspondente ao seu pensamento, para fazer perguntas inteligentes, para formular hipóteses, para sistematizar, quando necessário.” (MACEDO, 1990, P. 345-362)

No ambiente educacional, muitas vezes se vê a atuação do educador como uma tentativa deste de ser o intérprete daquilo que a criança expressa, inclusive nas suas representações gráficas. Existe segundo LUQUET (1979), uma pretensão do adulto em corrigir, interpretar o que o público infantil faz e remeter a isso visões e bases estéticas construídas ao longo da sua vida.

LUQUET (1979) enfatiza que o desenho em geral é algo espontâneo da criança. E por se tratarem de crianças, falamos de suas singularidades, particularidades nos seus desenhos também, pois estes representam tudo o que faz parte da sua experiência e percepção inteiramente ligadas pelo meio em que a criança vive.

Portanto, o papel do educador é muito importante neste processo. Ele não é apenas um facilitador, é alguém que deverá desafiar incentivar e procurar ampliar as experiências e os conhecimentos da criança.

Nesta concepção, com relação ao desenho, enquanto professores, não se deve impor os próprios padrões estéticos e seus valores e sim, criar-se oportunidades para que estes sejam construídos pela criança. Segundo MANTOVANI DE ASSIS (1999) a escola deve proporcionar um ambiente propício para que a criança queira desenhar, e que o ato de desenhar seja realizado não em momentos com “hora marcada” e sim, como formas de compreensão do mundo que a cerca.

Por certo, o desenho infantil depende de outros fatores como também do meio em que se vive e das oportunidades de acesso a materiais e atividades que permitam e incentivem a sua expressão artística. Há uma necessidade de respeito contínuo do ritmo de cada criança, a

maneira como sua obra está evoluindo, porque cada uma tem um tempo e uma maneira de internalizar suas experiências e vivências.

LUQUET (1979) aponta:

“julgo que, no que diz respeito ao desenho, o que tem de melhor a fazer o educador é apagar-se, deixar a criança desenhar o que quer, propondo-lhe temas sempre que ela necessita, sobretudo quando lhe pede, mas sem lhos impor e, sobretudo deixá-la desenhar como quer, a seu modo.” (LUQUET, 1979,p. 230)

De acordo com o REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL (1998), o que diz respeito ao conhecimento de Artes Visuais, ressalta essa área de forma a chamar a atenção daquilo que o fazer artístico representa em termos de linguagem para as crianças e todo o conhecimento que é propiciado ao ter acesso a um ensino de artes com objetivos pautados na expressão e construção própria das crianças.

O desenho das crianças deve ser pensado sem a preocupação com o que os observadores irão pensar. A criança desenha por puro prazer. As barreiras exteriores que são impostas como as cobranças da família ou da sociedade devem dar espaço à criatividade e à liberdade da arte, pois o que vale é a expressão pessoal. Daí os desenhos serem mais criativos e mostrarem que a arte expressiva é a manifestação do “eu”, e suas reações a tudo aquilo que permeia seu espaço de existência.

3.3.1 O desenho como expressão de criatividade

A questão da criatividade vem sendo discutida há muito tempo. Existem algumas definições, que levam em consideração os aspectos sociais, outras, os psicológicos, e, recentemente, algumas tentativas para conceituar a criação têm surgido das ciências cognitivas.

A partir do século XIX, a criação passou a receber um tratamento mais científico, proporcionado pelo desenvolvimento da Psicologia.

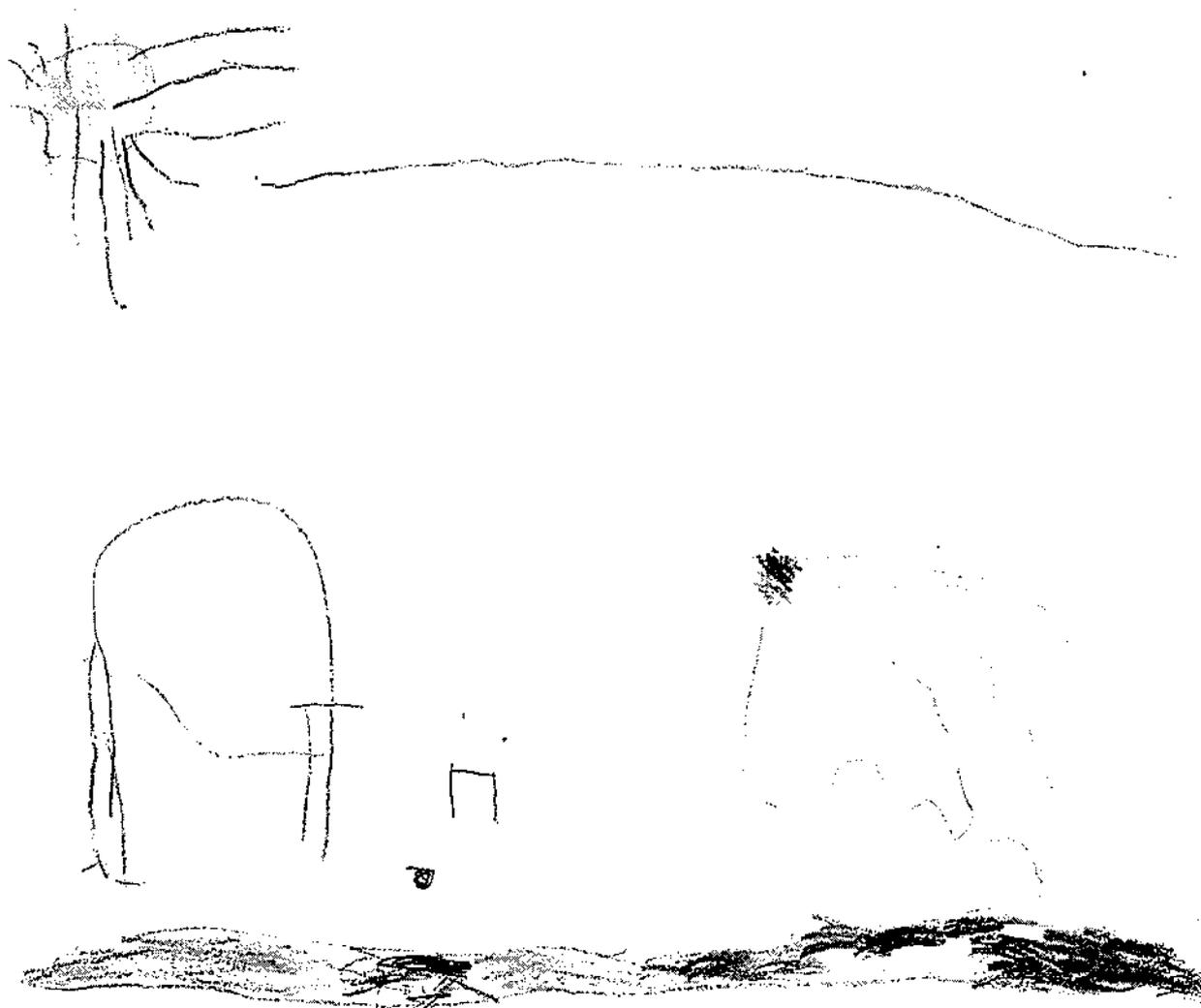
Descobriu-se então, que a expressão criativa é movida por uma energia interna do sujeito. Segundo Piaget, ela é fruto da motivação que a criança tem para conhecer o mundo. Esta é uma motivação natural da criança e, portanto não deixa de apontar para uma das grandes tarefas da escola que é “a criatividade” como afirma MANTOVANI DE ASSIS (2000).

Segundo a autora, Piaget já teria dito que o principal objetivo da educação é formar pessoas que sejam capazes de fazer coisas novas e não de simplesmente repetir o que os outros fizeram antes (ib). A criatividade, como uma capacidade de inventar, de ter idéias novas, de resolver problemas, não é algo apenas relacionado ao ensino das artes: é fundamental em qualquer área do conhecimento. Esta, assim, expressa no desenho infantil, deve ser cotidiana.

Mário de Andrade foi muito feliz em expressar seus pensamentos sobre o desenho em diversos trabalhos. Ousamos salientar algumas de suas palavras que compreendem essa manifestação semiótica e que a integram à vida, tão cotidiana que temos.

“Henriqueta, você já pensou que a arte, como a religião, como a política, a medicina ou a eletricidade, é uma ocupação, uma realização cotidiana? [...], mas sei que a arte é como fumar, comer, corrigir provas de colégio, saudar o vizinho agradável e não saudar o vizinho desagradável: um exercício cotidiano de vida. (MÁRIO DE ANDRADE ,1986, P. 201-297)

4. A PESQUISA



Rod, 3 anos – Creche Santa Genebra

“Toda criança desenha!”.

Toda e qualquer manifestação gráfica e cada vez mais próxima da forma que podemos chamar de "real", é a representação de como a criança lê o mundo, enxerga a vida, expressa o que sente. Mesmo que não seja adequadamente “orientada” para tal, a criança

pequena quase sempre encontra uma maneira de deixar, na superfície de qualquer coisa os seus registros. E o desenho é uma de suas ações preferidas.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa AURÉLIO (1993) a palavra “desenho” é definida como: 1. representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas. 2. A arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma...”, e como uma representação de “algo”, o ato de desenhar apresenta-se como uma produção de alguém querendo exibir alguma coisa. Assim uma representação, ou um desenho, depende exclusivamente de alguém para realizá-lo para poder existir.

Pesquisando a história da humanidade, descobre-se que o homem aos poucos começou a representar a própria existência, construindo e registrando as suas ações e interações com o mundo por meio dos recursos que o ambiente lhe proporcionava, fazendo destas representações parte de sua história. Como expressão desde os tempos primórdios, tal representação é considerada como uma forma de comunicação criada pelo homem devido a suas necessidades, a qual foi se aprimorando com o passar do tempo e com a evolução do ser humano.

Desde a pré-história, o homem teve a necessidade de expressar suas vivências. Nessa época, começou a marcar nas paredes das cavernas traços que mostravam cenas do cotidiano, desenhos de animais, seres humanos, plantas, elementos do seu mundo real, expressando tudo isso de forma intensa e apresentando uma grande percepção e observação da natureza utilizando, por exemplo, o barro das paredes, pigmentos extraídos de plantas, animais e de outros meios como materiais para poder registrar, “desenhar”, demonstrando assim, o conhecimento e domínio dos materiais e técnicas que aos poucos foi descobrindo.

Da mesma forma, a criança, inserida em uma realidade, registra. Ou melhor, desenha. O desenho para a criança é uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala sendo sua primeira escrita.

Para LUQUET (1979), ao desenhar a criança não se inspira no modelo objetivo que tem diante dos olhos e, sim na imagem que tem em seu espírito no momento em que desenha, ou seja, no modelo interno. Segundo ele, essa ação, o desenho, pode acontecer em qualquer momento.

Do ponto de vista do observador, procuramos fazer a decodificação do que vemos representado, a partir do que conhecemos do mundo, fazendo associações automáticas entre o que conhecemos da realidade e o que vemos exposto. De tal maneira, o receptor, aquele que analisa um desenho, também só perceberá nele o que conseguir ou quiser entender. A cultura que cada um de nós possui vai tornar-nos mais ou menos capazes de extrair "leituras" de uma imagem ou desenho. O tipo de sensibilidade, a disponibilidade e a curiosidade para apreciar a imagem também conduzem a uma apreensão mais rica ou mais empobrecida.

No entanto, as pessoas costumam impor suas próprias imagens ao interpretar ou até tentar interpretar um desenho, não o respeitando, fazendo comparações, não o entendendo.

Isto acontece também no âmbito educacional em que as crianças, de uma forma ou de outra, passam por um pré-julgamento de suas produções e representações sem, muitas vezes, terem a possibilidade de poder falar e se expor. Além disso, não podemos esquecer que os desenhos, em muitos casos, são recursos utilizados como avaliação das crianças. Tendo o professor total domínio da situação e avaliando o que acha necessário e aos seus olhos, o que segue um certo padrão de forma impositiva e ameaçadora.

Mas afinal, qual a importância do desenho? E o que ele representa no desenvolvimento da criança? São perguntas que se somam a outra indagação, ainda mais instigante: como a escola tem tratado esse desenho infantil?

4.1 O problema

Ao pesquisarmos o desenho de uma forma geral, estamos nos dispondo a conhecer e entender um pouco mais do assunto, para podermos ampliar os nossos horizontes acerca de um tema tão importante e dando margem para a discussão de diversas concepções e indagações a respeito deste tema, possibilitando assim, uma análise de como ele é visto e até incorporado no âmbito educacional.

É bastante comum a utilização do desenho infantil na escola, principalmente no cotidiano de creches e de educação infantil. No entanto, tal uso revela muitas vezes, posições, visões e concepções sobre o desenho que nos permitem constatar a falta de conhecimentos destes profissionais de educação sobre a importância do ato de desenhar. Há um dado alarmante quando pensamos neste uso do desenho: muitos professores ainda são imbuídos de uma concepção equivocada do desenho enquanto cópia de um modelo real. Nessa perspectiva, eles acreditam que o trabalho com desenhos reproduzidos, em que a criança tenha um modelo bem elaborado, pode contribuir para a sua evolução cognitiva.

Contudo, há aqueles professores que tentam assumir uma postura “construtivista”, pois ouviram falar que os desenhos estereotipados “não são bons”. Então, aboliram as reproduções, e em seu lugar inseriram a possibilidade das crianças desenharem livremente, sem, contudo, haver uma necessidade para desenhar. O desenho livre, nestas condições, assemelha-se a um “fazer qualquer coisa”.

Podemos dizer que a situação pode ser até mais grave quando se trata de outros profissionais que admitem o uso do desenho como recurso utilizado em finais de aula ou apenas quando “não há nada para fazer”.

Tal panorama de má utilização do desenho infantil na escola pode ser explicado: sabemos que diversos fatores contribuem para tal; entre eles a formação dos educadores atuantes e até mesmo a pouca bibliografia acerca do tema. As ações destes profissionais nos

levam a pensar na necessidade de uma reflexão mais apurada sobre a importância do desenho infantil. Portanto, o que justifica a nossa pesquisa é a necessidade de uma investigação que nos permita conhecer a realidade sobre o que pensam tais profissionais. Isto nos leva a seguinte indagação: será que as pessoas que atuam na área de educação infantil possuem o conhecimento sobre o real sentido do desenho?

Nosso problema de pesquisa pode ser assim elaborado: **qual a concepção dos profissionais de educação infantil acerca da importância e utilização do desenho?**

Este é o foco desta pesquisa que buscou investigar o que alguns profissionais da área pensam sobre o desenho e analisar as respostas destes sujeitos quanto a sua utilização na escola.

4.2 Metodologia

A presente investigação foi realizada diretamente com alguns profissionais de educação infantil atuantes com crianças de 0 a 6 anos de idade, que foram convidados de forma aleatória. Não foi estabelecida uma instituição de ensino específica, pois se contou com a participação de profissionais tanto da área particular, ONG's e mesmo da rede pública de ensino, todos da cidade de Campinas.

O instrumento utilizado, para tanto, foi um questionário aberto conforme consta no anexo, contendo um espaço para dados identificatórios da população participante, seguido de três perguntas específicas sobre a importância e a utilização do desenho em sala de aula. Notadamente, o Método Clínico Piagetiano seria ideal para uma pesquisa que destacasse o pensamento de nossos participantes, no entanto, a opção por uma amostra com maior número de sujeitos e o tempo destinado à conclusão da presente investigação, motivou uma investigação a partir de questionários.

Mesmo assim, podemos afirmar que as questões elaboradas para compor o atual instrumento foram pensadas a partir das distinções estabelecidas no método clínico na tentativa de permitir que as respostas não partissem de crenças sugeridas e sim, que apresentassem de fato, o pensamento dos participantes.

A amostra contou com o total de dezenove participantes sendo que alguns deles possuem cursos de formação e outros não, como veremos na apresentação dos resultados.

4.3 Pesquisas anteriores

De acordo com o interesse neste tema, procuramos outras pesquisas a fim de observar quais os focos abordados com relação aos estudos sobre o desenho infantil, sendo selecionados cinco deles para analisarmos, os quais estão sob os seguintes títulos: 1º Desenho e jogo simbólico: uma relação possível; 2º O que e como desenharam as crianças?; 3º O desenho e suas relações com a linguagem escrita; 4º Desenho figurativo: uma representação possível do espaço e 5º Desenho como forma de expressão.

Primeiramente, é relevante relatarmos a dificuldade em se encontrar pesquisas sobre o tema, que tivessem as mesmas perspectivas e linhas de pensamento traçadas para o nosso trabalho. Duas pesquisas foram teses defendidas a título de mestrado, duas para doutorado e apenas uma como trabalho de conclusão de curso, tais trabalhos foram realizados entre os anos de 1997 e 2001 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

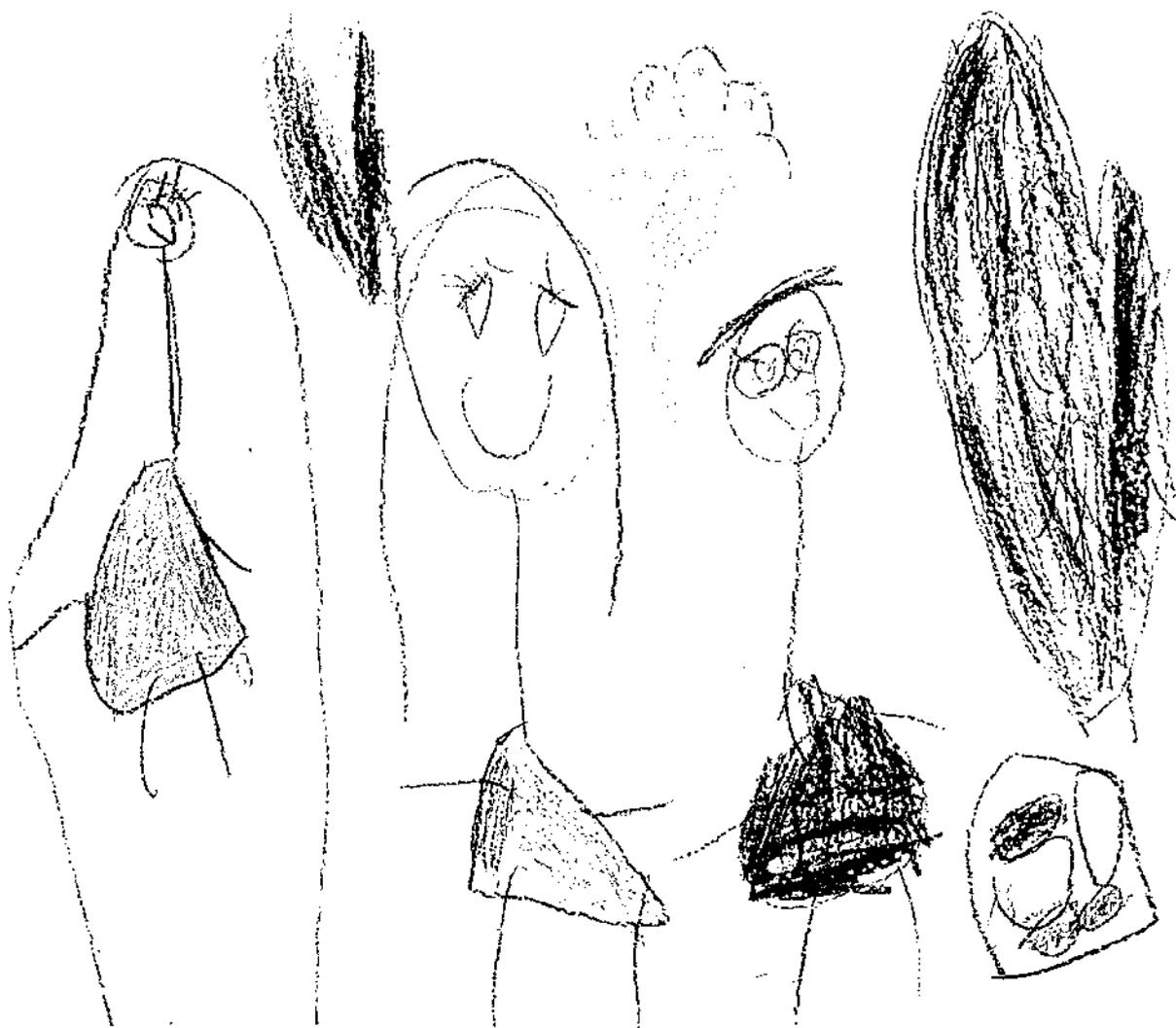
Observando os outros trabalhos de conclusão de curso realizados também na UNICAMP, percebemos que a maioria deles apresentou apenas pesquisas bibliográficas, não havendo um aprofundamento específico em temáticas voltadas à prática na educação, ou tendo a pesquisa de campo como base.

O mais interessante é que a maioria dos trabalhos deu ênfase a educação infantil, na ampliação do conhecimento sobre as representações em crianças de 0 a 6 anos, abordou o

desenho como forma de expressão e procurou discutir o desenho nas creches e pré-escolas, não só como momentos de “desenho livre” ou como uma simples “atividade” sem sentido. Tais pesquisas chamam a atenção sobre o desenho como forma de expressão, mas cada um com suas perspectivas próprias.

Nosso trabalho, no entanto, procurou a partir de uma investigação, descobrir o que pensam os profissionais sobre o tema, para que, assim, pudéssemos discutir e apresentar um conteúdo bibliográfico, completando o trabalho cujo assunto apresenta-se bastante complexo, principalmente ao envolver práticas pedagógicas existentes no presente ambiente educacional das crianças de creches e pré-escolas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS



Bia, 6 anos – Creche Santa Genebra

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Quando pensamos na pesquisa e na utilização de um questionário escrito, o objetivo proposto era a coleta de dados em apenas uma instituição de ensino para obter 15 amostras e realizar uma simples análise acerca da prática do desenho neste estabelecimento.

No entanto, no decorrer da devolução do instrumento preenchido, percebemos que os dados se apresentavam em comum acordo com o que a instituição de ensino abordava em termos de conhecimento e prática do tema.

A partir disso, refletimos sobre a forma como este ambiente educacional trabalhava e visava à questão do desenho e que trazia nas amostras, primeiramente colhidas, exatamente suas concepções e abordagens sobre o tema, estando a nossa investigação restrita a apenas um olhar direcionado que poderia não nos oferecer dados suficientes para discutirmos amplamente o assunto em questão, já que teríamos apenas uma concepção de profissionais advindos de um único ambiente educacional.

Perante este quadro, pensamos em ampliar nossa amostra para outros profissionais interessados em responder ao questionário e contribuir na nossa investigação. Estimamos, portanto, um tempo para a devolução de 25 questionários que comporiam a amostra. Por três vezes, tivemos que ampliar este tempo pelo baixo índice de respostas devolvidas, somando no final 19 amostras concretas.

Este dado parece instigante para nossa pesquisa e leva-nos a pensar e questionar o resultado deste processo, obtendo as primeiras hipóteses vindas do próprio público alvo do nosso trabalho: os profissionais de Educação Infantil parecem dar pouca atenção à pesquisa. Ou seja, questionamos neste momento, o interesse acerca do tema para estes profissionais e a importância destinada a ele, baseada nas diversas dificuldades encontradas para investigação proposta.

Diante deste quadro, cabe a nós discutirmos um pouco as respostas apresentadas, pontuando uma visão atual sobre o desenho nesta área e como este deve ser visto pelas instituições de ensino. Isto nos leva a questionar sobre o que o desenho desperta na educação, mesmo àqueles que o consideram algo tão simples. Percebe-se pelo questionário que os educadores apresentaram certa dificuldade em objetivar as respostas e serem pontuais, deixando transparecer que não têm opinião formada ou até mesmo formação sobre o assunto.

Passemos então, a análise dos resultados obtidos.

Começamos pela caracterização da nossa amostra. 100% dela é constituída por mulheres.

Sabemos que a área de educação no Brasil, em toda sua historia, é vista como um setor predominantemente feminino, e que várias discussões acerca do tema já foram feitas, constatado que ainda existe um preconceito com relação ao profissional masculino.

Durante séculos, houve a resistência à idéia de mulheres trabalharem e o magistério se relacionava muito com o papel da mulher dentro de casa e se encaixou perfeitamente à figura feminina. Os homens tinham opções de estudos e formações para exercerem carreiras. Existem pesquisas no Brasil que confirma que na Educação Infantil, a presença masculina não passa de 1,5% e no ensino fundamental (1º a 4º série) soma 16,5%. Pensando em todo o processo da educação no Brasil, destaca-se este dado que nos faz refletir sobre questões atuais de gêneros entre os profissionais da área, tendo importância em sua formação para lidar com as crianças e buscar uma educação diferente, assim como afirma FARIA (2006, p. 279-288): “A presença masculina nas creches tem questionado o ‘cuidado’ como manifestação exclusivamente feminina, um outro exemplo que aponta para a construção de uma sociedade mais justa, menos sexista...”.

A segunda característica de nossa amostra foi a idade dos participantes.

A TABELA 1 permite-nos visualizar melhor tal característica.

TABELA 1. IDADE DOS PARTICIPANTES

<u>CATEGORIA</u>		<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
A	21 a 25 anos	9	47,36
B	26 a 35 anos	9	47,36
C	36 a 40 anos	1	5,26

Chamou-nos a atenção o fato de que a idade desses profissionais concentra-se na faixa dos 21 aos 35 anos.

Pode até ser um pouco precoce analisarmos este dado mais profundamente e relacioná-lo com outros fatores que possibilitam nos mostrar a situação do pensamento sobre o desenho atualmente, mas achamos importante ressaltar que o grande número de participantes apresenta uma idade coincide com os momentos de início e/ou conclusão de graduação, portanto poderíamos pensar que corresponde ao início de sua formação acadêmica ou, ainda possivelmente, a sua entrada no mercado de trabalho. Conseqüentemente, o conhecimento sobre o assunto em destaque, ou até mesmo a falta de experiência na área, podem influenciar nos resultados da investigação sobre a concepção e a prática do desenho nos respectivos meios de trabalho.

A questão da formação também é muito relevante quando se trata do ambiente educacional. Segundo KISHIMOTO (1999):

“... A formação de profissionais de educação infantil começa a ser discutida, com maior vigor, neste final de milênio, em virtude das especificações da lei 9394/96, que propõe em seu artigo 87, § 4º:” Até o final da Década da Educação (1997 a 2007) somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço...” (KISHIMOTO, 1999, p.61-79)

A autora argumenta, ainda, sobre a precariedade da formação dos profissionais que trabalhavam com as crianças de 0 a 6 anos de idade.

Ao trazer esta questão para a nossa amostra, podemos constatar que dos 78,94 % dos participantes que possuem graduação, 93,7 % são graduados em Pedagogia. Isto mostra um pouco do quadro atual dos profissionais que trabalham com a Educação Infantil, na qual a formação se apresenta com uma força muito grande. Diante disto, podemos dizer que há uma necessidade de formação contínua para a atuação no campo educacional por parte dos envolvidos, visando traçar um caminho em busca da melhoria na educação, além de um olhar mais propício quando se fala de crianças pequenas.

Vejamos a seguir, as características da amostra quanto à formação apresentadas nas tabelas 2 e 3.

TABELA 2: FORMAÇÃO DOS PARTICIPANTES

	<u>CATEGORIA</u>	<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
A	Magistério	3	15,78
B	Graduação	15	78,94
C	Outros	1	5,26

TABELA 3: CURSOS DE GRADUAÇÃO DOS PARTICIPANTES

	<u>CATEGORIA</u>	<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
D	Outros	1	6,25
E	Pedagogia	15	93,7

Um outro ponto interessante contido na caracterização da amostra que nos proporcionou, após análise, uma relação com as perguntas e respostas anteriormente discutidas foi o tempo de atuação dos profissionais na área educacional.

Observemos então os dados encontrados com o auxílio da tabela 4.

TABELA 4. TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO

<u>CATEGORIA</u>		<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
A	De 1 a 5 anos	12	63,15
B	De 6 a 10 anos	6	31,57
C	De 11 a 15 anos	1	5,26

Ao pensarmos na faixa etária, nível de formação e tempo de atuação no magistério dos participantes pode-se destacar uma possível ligação entre estes dados, já que a maioria possui uma idade que dificilmente apresentará uma longa caminhada em sua formação e conseqüentemente, da sua experiência profissional.

Passemos enfim, à análise das respostas específicas a idéia do desenho. Como já afirmamos anteriormente, tivemos algumas dificuldades para a devolução dos questionários. Alguns participantes desistiram de responder alegando serem questões de difíceis respostas objetivas.

Nosso instrumento continha três perguntas descritivas. As respostas dadas pelos participantes passaram por uma categorização livre e foram analisadas à luz de uma perspectiva construtivista que embasou nossa pesquisa.

Levantamos esses comentários sobre o processo ocorrido, pois julgamos necessário apresentar tudo o que faz parte da avaliação envolvida na pesquisa que parte desta investigação.

A primeira pergunta de nosso instrumento referia-se a definição de desenho: “Como você definiria o desenho infantil?”.

Na tabela 5, são apresentadas as categorias encontradas para a primeira pergunta descritiva em que os participantes apontaram as suas primeiras concepções sobre o tema em questão:

TABELA 5. RESPOSTAS QUANTO À DEFINIÇÃO DO DESENHO INFANTIL

CATEGORIA		RESPOSTAS	%
A	Expressão/ comunicação	12	54,54
B	Algo que a criança gosta	4	18,18
C	Manifestação de sentimentos	3	13,63
D	Criança apresenta desenvolvimento	1	4,54
E	Dificuldade na definição	1	4,54
F	Como a criança entende o mundo	1	4,54

A figura a seguir pode ilustrar os resultados encontrados.

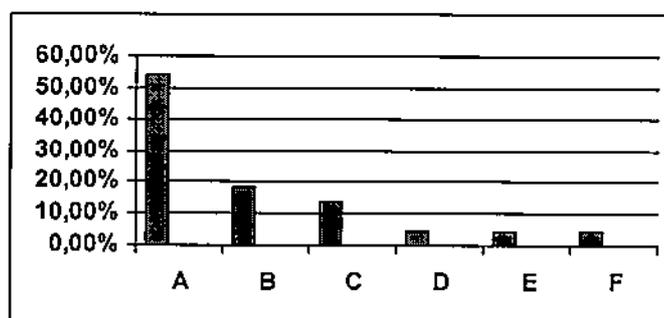


Figura 4. Como você definiria o desenho infantil?

As respostas apontam para uma definição muito presente no ambiente educacional, com a expressão ou comunicação por parte da criança. Esta foi a categoria mais presente entre nossos sujeitos: 54,54 %. Como um dos menores índices 18,18, a definição do desenho como “algo que a criança gosta”, aparece entre os participantes. São exemplos dessas duas categorias: “É uma importante a forma com que as crianças se comunicam com outras pessoas” e “O desenho é algo que a criança gosta muito de fazer desde muito pequena. Desenha o que acha, o que gosta e o que quer”.

No entanto, podemos refletir se a definição dada por estes profissionais é, de fato, o eixo norteador de sua prática pedagógica.

O desenho é uma forma de expressão e comunicação da criança e, portanto uma forma de representação. Nas palavras de um de nossos participantes “O desenho infantil é de suma importância para a educação das crianças. Ele aponta o que interiormente a criança quer expressar na realidade”. Para uma de nossas participantes “O desenho é uma maneira das crianças dizerem como entendem o mundo”. “Desde bem pequenas já desenhavam tentam dizer alguma coisa da sua forma” ou ainda “defino como sendo algo de importância na infância”. “A criança passa para o desenho o que está sentindo, suas preferências, o que quer”.

Novamente a importância do desenho é apontada. E de novo, podemos questionar se a prática das nossas instituições de ensino que ainda utilizam-se dos desenhos estereotipados pode permitir o conhecimento do mundo como construção da criança levando-a a pensar e a expressar o que sente.

Chamou-nos a atenção uma resposta: “Como é complicado fazer uma definição absoluta. Acho que serve para diversas coisas e que é algo utilizado muito pelas crianças”. Vejamos que a definição do desenho é pela utilidade dele. Sabemos que embora tenhamos encontrado apenas uma resposta com tal concepção, ela é comum entre os educadores. Na verdade, o desenho não é julgado como uma finalidade em si, mas sim como uma estratégia usada para o desenho de outros conteúdos das diversas áreas do conhecimento.

Infelizmente, nossa pesquisa pode apontar apenas para o julgamento ou a concepção destes profissionais, o que não necessariamente se traduz como sua prática pedagógica. Percebe-se que apenas 4,54 % da amostra se referem ao desenho relacionando-o às questões do desenvolvimento cognitivo e afetivo (com 13,63% da amostra).

Continuemos a analisar outras respostas que nos apontarão outros dados.

A segunda pergunta, que fizemos aos nossos participantes, versou sobre a utilização do desenho infantil. Procurávamos exatamente constatar se este teria uma utilização em si para estes profissionais ou seria apenas mais um recurso pedagógico .

A pergunta feita foi “Em que momentos com o seu grupo de crianças, você utiliza a prática do desenho?”. A seguir, a tabela 6 apresenta as categorias encontradas e os resultados.

TABELA 6. UTILIDADE DO DESENHO INFANTIL

<u>CATEGORIA</u>		<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
A	Exploração	5	16,12
B	Investigação	5	16,12
C	Muitas vezes, mas sem definição de uso	1	3,22
D	Registro de atividades	6	19,35
E	Quando a criança pede	4	12,90
F	Respostas evasivas	1	3,22
G	Desenho livre	4	12,90
H	Pouco utiliza, pois as crianças são pequenas	3	9,67
I	Após mostrar uma figura	1	3,22
J	Pouco utiliza, pois não desenhavam direito	1	3,22

A figura 5 pode nos auxiliar para que tenhamos uma melhor visualização destes resultados.

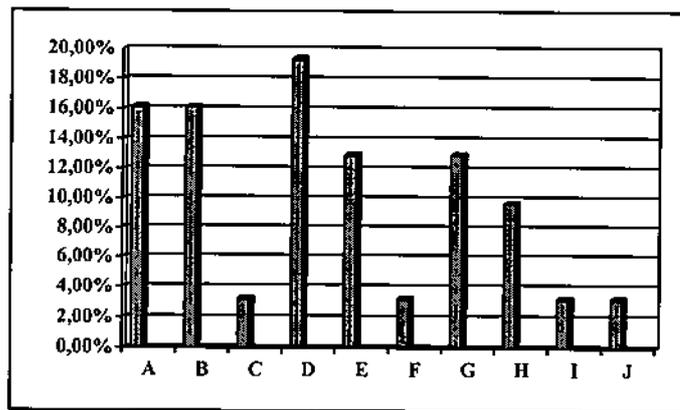


Figura 5. Em que momento é utilizado o desenho?

As diferentes respostas nos revelam as diversas formas de utilização do desenho e apresentam o registro de atividades como uma das principais funções do mesmo, destacada nos 19,35% das respostas.

É interessante ressaltar algumas respostas dos participantes que explicitam argumentos para utilizar o desenho como registro: “... se a classe foi convidada para passear, depois do passeio costumo pedir para as crianças desenharem o que mais gostaram e o que não gostaram e assim conversamos sobre isso” e “... utilizo através de temas e conteúdos trabalhados, para que as crianças representem no desenho o assunto abordado”.

Se voltarmos à primeira questão e mesmo à utilização do desenho, podemos ainda refletir sobre um dado interessante: a idéia de comunicação e expressão que o desenho infantil parece apontar. Agora vejamos: será que é apenas diante de registro das atividades que esta forma de expressão pode acontecer? O que tal registro representa para o profissional em termos de expressão? E ainda, será que realmente o que está sendo apresentado naquele papel, é o que a criança gostaria na verdade de desenhar?

Entendemos que existe certa necessidade de apresentar resultados de tudo o que é realizado com as crianças menores, e como possivelmente estas não estão aptas para outra forma de comunicação socialmente vista como mais comum, a fala, o desenho acaba assumindo neste momento tal papel.

Contudo, afirmamos que o desenho tem a sua língua própria, e fala diversas coisas que muitas vezes somos incapazes de traduzir e compreender, através do registro do seu autor. Portanto, é preciso pensar que mais do que servir como registro, o desenho infantil tem uma utilidade em si, como vimos anteriormente.

Mas será que se faz necessário um entendimento específico e único do desenho, partindo de uma proposta em que a construção é a base para o aprendizado da criança?

Um outro ponto que consideramos relevante diz respeito às respostas que se referem a pouca utilização desta prática, visualizando apenas a idade da criança somando em 9,67 % : “Como as crianças são muito pequenas, pouco utilizo o desenho”.

Tais dados remetem àquela discussão anteriormente apresentada sobre a importância na história da educação dos pequenos. Parece-nos que nessa parcela da amostra está ainda presente a idéia de que a criança pequena não sabe desenhar ou que não se dá crédito ao seu poder criador. Cabe aqui refletirmos a postura do profissional e a concepção de infância que pauta este tipo de pensamento o qual percebemos ser bem restrito àquilo que acreditamos que é fundamental para o desenvolvimento pleno das crianças nas creches e pré-escolas.

É por estas e outras visões sobre o desenho que insistimos em um olhar mais propício sobre a produção infantil e como o profissional de educação infantil pode utilizá-la não somente como registro.

Tais dados nos levam a pensar sobre a expressão e comunicação da criança, que parece ser considerada em apenas um aspecto ou até mesmo, diante das várias respostas, em aspectos específicos, sem uma apresentação profunda ou conhecimento a respeito deste tema tão importante no mundo dos pequenos.

Partimos agora para a terceira pergunta referente aos objetivos do desenho. A tabela 7 e a figura 3 ilustram os dados obtidos na amostra.

TABELA 7. QUAIS OS OBJETIVOS DE SE TRABALHAR COM O DESENHO INFANTIL?

<u>CATEGORIA</u>		<u>RESPOSTAS</u>	<u>%</u>
A	É um conteúdo	1	3,57
B	Como avaliação	10	35,71
C	Respostas evasivas	2	7,14
D	Os profissionais têm seu próprio objetivo	2	7,14
E	O objetivo tem que ser planejado	3	10,71
F	Registro	3	10,71
G	Conhecer a criança	2	7,14
H	Como atividade livre	2	7,14
I	Aprender com as crianças	1	3,57
J	Como estímulos	2	7,14

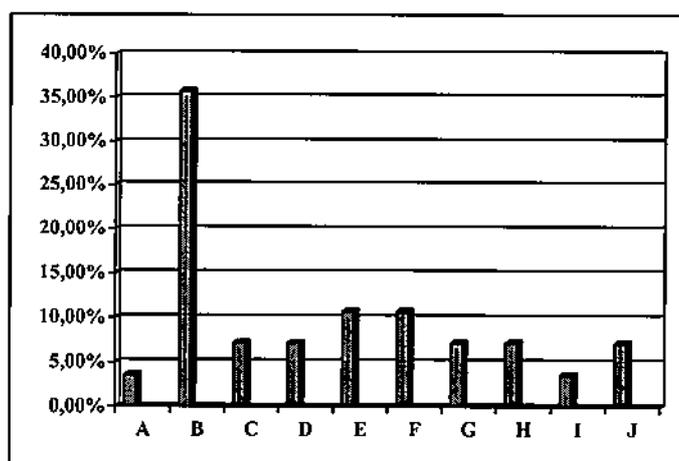


Figura 6. Quais os objetivos de se trabalhar com o desenho infantil?

Iniciando a discussão destes dados, levamos em consideração a porcentagem de respostas evasivas: foram 7,14 % o que aparentemente nos parece uma quantidade pequena, mas ao pensarmos em termos de profissionais atuantes, refletimos como o desenho é abordado em tais práticas, havendo dificuldades por parte desses educadores em definir objetivos em seu trabalho, seguidos também de inúmeras respostas em que podemos verificar, possivelmente, pouca relação do desenho com aquilo que este realmente é.

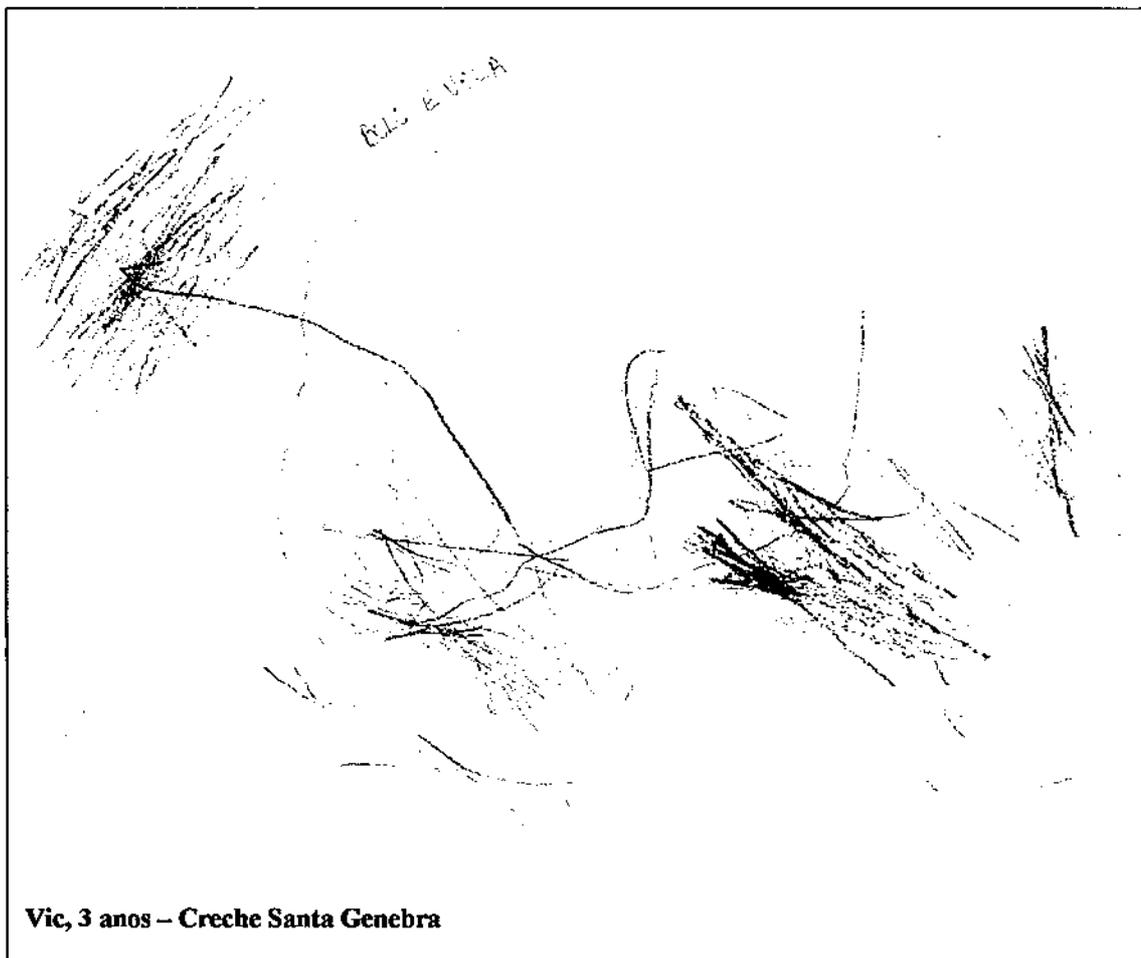
A partir dos resultados referentes a esta pergunta, o grande objetivo apontado para trabalhar o desenho infantil é de 35,71 % como um sistema de avaliação pelo qual muitas crianças na educação infantil podem estar passando. Um dos participantes ressalta que “O desenho diz muita coisa. Podemos ver como as crianças estão em seu desenvolvimento”. Outro participante expõe sua opinião confirmando o ato avaliativo por meio do desenho: “Uso o desenho para concluir atividades propostas, para avaliar alguns conceitos, para observar a criança”.

Percebemos, pelos dados da amostra, que a avaliação está presente no ambiente educacional até mesmo dos pequenos, podendo distorcer, muitas vezes, as expressões e formas de comunicação das crianças como meios avaliativos, tecendo um caminho de imposições, possíveis frustrações e restrição da sua capacidade criadora.

O documento, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na seção II, referente à Educação Infantil, artigo 31, destaca que a avaliação acontecerá juntamente com o desenvolvimento e seus registros. Assim, passamos a analisar no conjunto destas últimas respostas obtidas, se a avaliação é mantida nesta linha, principalmente com a utilização do desenho como instrumento que é foco da nossa pesquisa. A reflexão se faz acerca do que realmente o desenho representa para o profissional e como ele pode trazer elementos da criança de maneira integral para ser um material que sirva de avaliação.

Destaca-se, portanto, a necessidade de um olhar mais apurado das práticas pedagógicas existentes no ambiente educacional. Em nossa amostra colocamos isto apenas como uma parte que contempla este trabalho que pretende iniciar uma discussão acerca do desenho infantil, para quem sabe pautar futuras investigações que poderão trazer outras implicações pedagógicas à Educação Infantil sobre a temática trabalhada.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS



Vic, 3 anos – Creche Santa Genebra

“Esta obra involuntária poderia parecer a um adulto, insignificante e sem qualquer interesse; mas para a criança é um produto de sua atividade, uma manifestação da sua personalidade, uma criação” (LUQUET, 1969, p.136)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

CANÇÃO EXCÊNTRICA

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
protejo-te num abraço
e gero uma despedida.
Se volto sobre o meu passo,
é já distância perdida.
Meu coração, coisa de aço
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida.
Já por exausta e descrida
não me animo a um breve traço:
- saudosa do que não faço,
- do que faço, arrependida.

(Cecilia Meireles)

Quantos de nós não nos angustiamos hoje por não conseguirmos expressar o que sentimos... não falamos, não desenhamos.... É verdade que muitos de nós não tivemos esse “espaço” para o desenho da vida. É também verdade que muitos de nós, não tivemos espaços para o desenho.

Este fato nos fez pensar nos dados que encontramos entre os educadores entrevistados: há pouco espaço, na Educação Infantil, para o desenho das crianças. Além disso, há uma grande dificuldade por parte do professor, em refletir sobre a importância do desenho, fazendo com que essa representação do mundo pela criança seja vista com outros olhos. Em nossa pesquisa, pudemos perceber a formação insuficiente por parte dos profissionais sobre o que de fato, o desenho representa em termos de evolução cognitiva e afetiva das crianças. Pudemos também notar a partir de nossos resultados que a utilização do

desenho, tendo em vista essa dificuldade dos professores mencionada, também se encontra apenas vinculada a alguns momentos do cotidiano da escola.

Sabemos que o papel do educador é extremamente importante quando se fala em expressão e manifestação da criança, suas reações e expressões com relação a como compreende o mundo ao seu redor. É ele quem está sempre presente, observando o desenvolvimento de cada uma, orientando-a, sendo extremamente importante a relação existente entre ambos na construção do seu conhecimento. No entanto, o que constatamos é que, na maioria das vezes, esse educador não compreende que sua postura não construtivista pode levar a criança apenas a reprodução, à cópia de modelos e não à criação, ao entusiasmo de descobertas. Sabemos que essa mudança em termos de crenças de como a criança aprende, e assim, como e o que a criança desenha, é progressiva e deve ser permeado de muito estudo por parte daqueles que se dedicam a educar.

Existe uma dificuldade por parte dos profissionais atuantes na área de educação, em assumir a proposta construtivista como uma forma de trabalho, considerando uma construção do conhecimento da criança e distinguir em outros modelos como esses consideram apenas a transmissão e a perpetuidade daquilo que impede o ato criativo e a expressão.

É verdade que a criança espera daqueles que com ela convivem uma afirmação daquilo que já conseguem fazer. É verdade que o ato de desenhar da criança, embora seja uma construção própria recebe influências do meio em que ela vive. No entanto, é preciso que o professor não imponha padrões e regras a serem seguidos, não julgue posições e visões como corretas, não explore recursos como uma forma de podar ou corrigir aquilo que pra si mesmo não é o objetivo como, por exemplo, quando –se utiliza das palavrinhas mágicas tão presentes como “que lindo”, “que feio”, “ótimo”. Assim, a criação pouco se valoriza e se inibe a expressão individual da criança e sua auto-afirmação.

Para uma atuação diferente deste olhar, a educação construtivista exige que o educador compreenda a construção do conhecimento e seu processo de desenvolvimento por parte da criança, traçando caminhos que respeitem a individualidade e valorização daquilo que ela é, e é capaz de realizar.

Acreditamos que diante da problemática apresentada anteriormente sobre a prática do desenho, o nosso papel trabalhando com crianças pequenas, pautados em uma visão construtivista, é de contribuir para que se desenvolva a confiança e o seu potencial criador. O desenho infantil deve ser estimulado pelo fato de este ser um importante processo de desenvolvimento. É uma forma das crianças se expressarem. Desenhando, ela aprende, pois assim ela organiza e concretiza seus pensamentos. Registrando, ela representa o mundo, e não apenas o que a professora ordenou que fizesse.

Parafraseando Emilia FERRERO (1990) "aprendemos a ler lendo, a escrever escrevendo", LOWENFELD (1977) completa:

"Aprender a desenhar, desenhando. Embora essa afirmação possa parecer destituída de significado, ela é muito verdadeira: a ação de desenhar é que é a escola do desenho. O mesmo vale para as outras atividades artísticas: aprende-se a pintar, pintando; aprende-se a esculpir, esculpindo: aprende-se a escrever, escrevendo, e assim por diante." (LOWENFELD, 1977, p.19).

Contudo, é importante mencionar que o conhecimento das fases do desenho infantil é de suma importância e contribui no trabalho do profissional na construção do imaginário das crianças, sendo mais um recurso que este poderá utilizar para melhor compreendê-las. Tendo este conhecimento sobre a produção infantil, o educador perceberá o significado mais profundo do ato de criar, a expressão das idéias e dos sentimentos da criança.

Ao pensar desta forma, afirmamos que a formação dos profissionais de educação infantil é um ponto crucial para que a prática comece a apresentar novos olhares e perspectivas acerca do desenho, visando o desenvolvimento da criança em sua totalidade.

Os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (1998) apontam alguns objetivos que precisam ser alcançados por esta faixa etária, dentre os quais o principal é a formação integradora (em todos os aspectos) da criança. Portanto, as artes podem contribuir significativamente como um elo com as demais atividades desenvolvidas na Educação Infantil.

Como ressalta FERREIRA (2001), a interpretação do desenho da criança depende muito do olhar do intérprete, como já foi destacado anteriormente. E na perspectiva de ampliar a compreensão e valorizar o desenho infantil, destaca-se a importância da atividade de desenhar evidenciando o papel do desenho na construção e no desenvolvimento da capacidade semiótica.

Cabe a nós, profissionais de educação infantil, buscar cada vez mais novos caminhos e uma contínua formação, possibilitando assumir uma postura construtivista com atitudes de respeito e preservação do espaço do desenho que faz parte do mundo infantil e influencia no desenvolvimento pessoal daqueles que esperam de nós muito mais do que podemos enxergar em suas próprias manifestações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Do desenho*, Correio Brasiliense, BRASILIA, 16-12-1967.
- ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*. Belo Horizonte: Martins Fontes, 1986, pp. 201-297.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. (1999) *Aspecto cognitivo: a função simbólica*. In: ASSIS, Mucio Camargo de; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. (org). *PROEPRE - Prática Pedagógica Campinas: Unicamp/FE/LPG*.
- *Curiosidade, motivação e criatividade*. In: ASSIS, Mucio Camargo de; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. (org). *PROEPRE - Prática Pedagógica Campinas: Unicamp/FE/LPG*.
- ASSOCIAÇÃO FEMININA PORTUGUESA PARA A PAZ - *A psicologia do desenho infantil*. Lisboa: Gráfica Lisbonense, 1942.
- BOLLE, Willi. *Walter Benjamin e a cultura da infância*. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1984.
- BORDONI, Thereza. *Descoberta de um universo: a evolução do desenho infantil*. Belo Horizonte: Linha Direta, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. (Coleção Primeiros Passos) 33. ed. São Paulo :Brasiliense, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. INEP: 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Conhecimento de Mundo*. Volume 3,1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. n. 9.394, de 1996. Disposições Constitucionais, Lei nº 9.424, de 24 de Dezembro de 1996. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI,1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Terezinha Véspoli de, *O desenho e a aprendizagem*. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=44>.

DERDYK, Edith, *FORMAS DE PENSAR O DESENHO: Desenvolvimento do Grafismo Infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

DI LEO, Joseph H. *A interpretação do desenho infantil*. 3. ed. Trad. Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *Por que arte-educação?*. Campinas: Papyrus, 1988.

EXUPÉRY, Antoine de Saint,. *O Pequeno Príncipe, com aquarelas do autor*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 42. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Direito à infância: O espaço físico nas instituições de educação infantil* - texto apresentado no III Seminário "Estabelecimento de critérios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil" - Brasília, 1997.

——— DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, PRADO Patrícia Dias (orgs.) - *Por uma cultura da infância*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FARIA, S. *Histórias e políticas de educação infantil*. In: C. Fazolo, E., Carvalho, M. C., Leite, M. I., Kramer, S. (orgs.). *Educação infantil em curso*. Rio de Janeiro: Rival, 1997.

FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Papyrus, 2001.

FERRERO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. LICHTENSTEIN Diana Myriam, MARCO, Liana Di e CORSO, Mário. Supervisão da tradução: Alfredo Néstor Jerusalinsky. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FORTUNY, J. y BOLADERAS (1995) . *O desenho como expressão do pensamento*. In MANTOVANI DE ASSIS, O. Z.; CAMARGO DE ASSIS, M. (org.) *Construtivismo e educação*. Campinas: FE, UNICAMP.

GALVÃO, Izabel. *O Desenho na Pré-Escola: o olhar e as expectativas do professor*. Revista Idéias Fde, v. 14, p. 53-61, 1992.

GOBBI, Márcia; LEITE, Maria Isabel. *O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação*. ANPED, 1999.

——— *Desenho infantil e oralidade, instrumentos para pesquisas com crianças pequenas*. In FARIA, Ana L.G. de.; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri & Prado, Patrícia Dias (org) *Por uma cultura da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GREIG, Phillipe. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GOMES, Ligiane & CHAKUR, Cilene R. "Um estudo sobre a Representação Gráfica Infantil: Contribuições Para a Educação Escolar". In profala. Disponível em: www.profala.com/arteducesp87.htm

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KISHIMOTO, T. M. *Política de Formação Profissional para a Educação Infantil: Pedagogia e Normal Superior*. In: *Educação & Sociedade*; ano XX. nº 68, dez/1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Política de formação profissional para a educação infantil: pedagogia normal superior*. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, p. 61 – 79, dez.. 1999.

KUHLMANN, Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. *O desenho infantil*. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização, 1979.

MACEDO, Lino de. *Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar*. In: Coletânea de textos de Psicologia HEM/CEFAM, Vol. 1 *Psicologia da Educação*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1990.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. 5 ed. São Paulo:Cortez, 1965.

MARTINS, Simone R. & IMBROISI Margaret H. "A Arte na pré história". In *www.historia da arte*. Disponível em: www.historiadaarte.com.br/artepreh. Visitado em: 12 de novembro de 2007.

MEIRELES, Cecília. *Canção Excêntrica*. In: *Vaga música*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1942.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

PASOLINI, Pier Paolo. *Gennariello: A linguagem pedagógica das coisas*. In: _____. *Jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEQUENA INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO: SUBSÍDIOS PARA UM ESTADO DA ARTE. Educ. Soc. Vol.20 n. 68 Campinas Dec. 1999.

PIAGET, Jean. *L'Education Artistique et la Psychologie de L'Enfant*. in Art et Education. Paris: Unesco, 1954.

——— *A formação do símbolo na criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975..

——— *A equilibração das estruturas cognitivas*. Trad. Marion Merlone dos Santos Penna. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

——— *A representação do espaço na criança*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

——— *Criatividade*. In: VASCONCELLOS, Mário Sérgio (org). *Criatividade: Psicologia, Educação e Conhecimento do Novo*. São Paulo: Moderna, 2001.

PILLAR, Analise Dutra. *Desenho e construção do conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLOTTO, Silvia S.D. *A trajetória histórica das abordagens do ensino e aprendizagem da arte no contexto atual*. Revista Univille, v. 5, n. 1, abr. 2000.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Susana Carvalho e José de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RABELLO, Sylvio. *Psicologia do Desenho Infantil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional 1935.

REVISTA DO PROFESSOR, Porto Alegre, 10 (38): 23-27; abr./jun. 1994

REVISTA NOVA ESCOLA. Ed. 183 - jun/2005.

ROCHA, Andréa Pires. *A instituição escolar na sociedade dividida em classe: Uma construção histórica*. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n2_andrea.htm.

RODRIGUES, Alisson. "O papel do desenho". In Fórum. imasters. Disponível em: <http://forum.imasters.com.br/lofiversion/index>. Visitado em : 14 de outubro de 2007.

SMC, Silvia. *A constituição social do desenho da criança*. Psicologia USP, São Paulo, v.9, n.2, p.205-220, 1998

SIMONE DECOBERT, François Sacco, *O desenho no trabalho psicanalítico com a criança*, 2. ed. Lisboa: CLIMEPSI, 2004.

VIANNA, Maria Leticia Rauen. *Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é preciso acabar com esses mal*. Revista ADVIR, nº 5, São Paulo, abril-1995.

ANEXO 1
Carta enviada às instituições de ensino

Campinas, de agosto de 2007.

Ilma Sras. Coordenadoras,

Estou realizando junto a UNICAMP, uma pesquisa com educadores de educação infantil. Esta pesquisa, parte integrante de meu Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, tem como objetivo analisar a opinião dos educadores que atuam nesta instituição sobre questões do desenho infantil. Será entregue ao educador um questionário com perguntas elaboradas com objetivos de traçar seu perfil, formação e uma ficha com questões a respeito de nossa temática.

A referente pesquisa está sendo realizada por mim, sob a orientação da profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis (Universidade de Campinas).

Esclareço que não haverá em nenhuma hipótese identificação dos educadores entrevistados que poderão utilizar-se de pseudônimos e assim não se identificar, bem como não haverá na pesquisa, identificação da instituição de ensino.

Em anexo, apresento o termo de consentimento livre e esclarecido que será entregue aos educadores para a devida autorização bem como os instrumentos de investigação.

Por acreditar na importância desse estudo e na necessidade de uma integração entre a Universidade e a comunidade e, portanto, na importante participação desta conceituada instituição de ensino nessa pesquisa, agradeço desde já e me coloco à vossa inteira disposição para maiores esclarecimentos.

Silmara Augusta Machado
PEDAGOGIA/FE/UNICAMP

ANEXO 2

Carta enviada aos participantes

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Campinas: agosto de 2007.

Sr. Participante,

Estamos realizando junto a UNICAMP uma pesquisa educacional , entre profissionais de educação infantil cujo objetivo geral do estudo é investigar questões sobre o desenho infantil.

A referida pesquisa está sendo realizada por mim, sob a orientação da profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis (Universidade de Campinas).

Vale ressaltar que a participação será respondendo a quatro questões abertas e um questionário.

Esclarecemos que não haverá em nenhuma hipótese, identificação dos participantes, que poderão utilizar-se de pseudônimos e assim não se identificar, bem como não haverá na pesquisa, identificação da creche.

Em anexo, apresentamos uma autorização para o uso dessas informações como instrumentos de investigação.

Acreditamos na necessidade da integração Universidade/Comunidade e, portanto, na importante participação desta conceituada instituição de ensino nesta pesquisa.

Agradecemos desde já e nos colocamos à vossa inteira disposição para maiores esclarecimentos.

Silmara Augusta Machado
FE/UNICAMP

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, autorizo as informações concedidas neste questionário como instrumento de investigação para uma pesquisa sobre o desenho infantil.

assinatura

ANEXO 3
Questionário enviado aos participantes

Nº

QUESTIONÁRIO

Os dados confidenciais envolvidos nesta pesquisa são de sigilo garantido, assegurando-lhe absoluta privacidade.

1. Sexo: () Feminino () Masculino	3. Formação: () Magistério () Graduação () Outros	6. Com que faixa etária trabalha? _____
2. Idade: () 18 à 20 anos () 21 à 25 anos () 26 à 35 anos () 36 à 45 anos () 46 à 60 anos () mais de 60 anos	4. Graduação: _____	
	5. Tempo de atuação na área da educação: _____ anos	

7. Como você definiria o desenho infantil?

8. Em que momentos com o seu grupo de crianças, você utiliza a prática do desenho?

9. Quais os objetivos de se trabalhar com o desenho infantil?

